

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Tatiana Grinfeld

POTÊNCIAS DA FRAGILIDADE
só um corpo vivo sobrevive

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

São Paulo
2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Tatiana Grinfeld

POTÊNCIAS DA FRAGILIDADE
só um corpo vivo sobrevive

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof^a. Doutora Suely B. Rolnik.

São Paulo
2014

Banca Examinadora

Ao meu CORPO

AGRADECIMENTOS

Agradeço

A minha mãe Fanny, por TUDO (e mais um pouco);

Ao meu pai Jean, por me apoiar e confiar em mim;

Ao meu irmão Dr. Riccardo pela amizade, disponibilidade e pelas ricas conversas e trocas;

A minha orientadora Suely Rolnik pelas aulas vivas e com efeitos palpitantes, por sua generosidade e seu olhar atento, por incentivar meu caminhar e me ajudar a abrir passagens para outros deslocamentos;

Ao Peter Pál Pelbart por compartilhar seu vasto conhecimento, por encantar, mostrar outros mundos e, principalmente, por seu interesse e receptividade as minhas experiências;

Ao Laymert Garcia dos Santos por aceitar fazer parte da banca e contribuir com sugestões muito agregadoras;

À Luise Weiss por ser a primeira a acolher minhas idéias acadêmicas;

À Denise Bernuzzi de Sant'Anna e ao Paulo Buenoz por aceitarem, de prontidão, serem suplentes;

Ao Dr. Nelson Hamerschlag pela transparência e por ser o médico e a pessoa que é;

A todos os meus médicos. Principalmente, Dra. Andreza Alice Feitosa Ribeiro, Dr. José Mauro Kutner, Dra. Morgani Rodrigues, Dr. Alessandro Almeida e toda a hemato-equipe, Dr. Luis Fernando Aranha, Dr. Jairo T. Hidal, Dr. Jaime Z. Gil, Dr. João Luiz Nobrega (sou eternamente grata por ter me recebido no Einstein em 1997 e ter me indicado o Dr. Nelson), Dr. Rolf Bub, Dr. Ghiotto, Drs. Knobel (pai e filho), Dr. Pavão, Dr. Bento e nefro-equipe, Dr. Carlos David Nascimento, Dra. Mary Flowers, Dr. Claudio Lottenberg, Dra. Sylvia Soutto Mayor, Dr. Fabio Sato, Dra. Andrea Pereira, Dra. Denise de Freitas, Dr. Carlos Senne, Dr. Carlos Czeresnia, Dra. Lucila Evangelista, Dra. Ana Claudia Arantes. A todos os anestesistas. Aos médicos da UTI.

À Vi, minha prima querida, minha irmã, cuidadora sempre presente;

À Dulce, pela generosidade e por me ajudar na conexão com o corpo vivo;

Ao Lucas, pelo amor que cura. E também a toda sua família;

A todas as enfermeiras(os) e técnicas(os) de enfermagem que cuidaram e cuidam de mim. Principalmente Ale Mansur, Luciene, Patrícia, Alcina, Célia, Washington,

Dani, Patrícia Vechia, Cris Vogel, Carol, Claudia (e muitos outros/as);
As minhas queridas dentistas Fernanda, Letícia e Roberta da SOL;
Às fisioterapeutas que me atenderam fora e dentro do hospital. Principalmente, Marister, Dani, Natalha e Maria Emilia.
A minha super fisioterapeuta Eleonora de Paula, pelo “pensar junto com o corpo”;
Ao Anderson, pela persistência e profissionalismo;
Às nutricionistas que me atenderam e que me atendem dentro e fora do hospital. Principalmente à Ana Paula, Márcia e Célia Mara.
Ao Hospital Israelita Albert Einstein e a toda a equipe de secretárias, auxiliares, recepcionistas, equipe da cozinha, copa e higiene. A todos os funcionários do HIAE que, direta ou indiretamente trabalharam e trabalham para cuidar da minha saúde;
À Carmen Gomes e à Rita Grotto da Fonseca;
A todos os psicólogos(as) e psicanalistas que me atenderam;
Aos professores e funcionários da PUC-SP que foram parceiros do processo;
Aos meus colegas e amigos da graduação na PUC-SP;
Aos meus queridos colegas e amigos do Núcleo de Estudos da Subjetividade. Principalmente à Karina, Ale, Grasi, às Marianas, Marli, Selmara, Amilcar, Roberta e Mauricio;
À Dorothea Voegeli Passeti, diretora do Museu da Cultura PUC-SP;
À CAPES pela bolsa concedida;
Ao Rubens, Sheila Dryzun & família, ao tio Hermann e tia Vera, Re, André & Cia, Fe, Mayte, Cata, Stela e Léo, Noemi, querida prima Simone Feigenson Greenberg & família, Isaias, Fredi e Ilan, Mainha, Felipão, Gael, Tito e famílias, aos amigos dos meus pais e aos amigos do meu irmão que torceram e torcem por mim, a todos os tios e primos, Anette e Cia, querido casal Sica e Tucki, Nicole, Ruth e family, família Knopfler, Andréa, Judy, Susana, Caca, Mama, Gabi e Caio, Raquel Wjuniski, Sigal, Amit, Dé, Dani, Adriano, Erich, Cau, Tati, Loli, Diogo, Carol, Lola, Fe, De, Juli, Moniquinha, Tuca, Leal, Kinha, Rafa, Maira, Maity, Marina & family, Lua, Adi e Roberto, Paula, Laís, Camila, Sarah, Jessica, Na, Ca, Karina, Lídia, à Merula e sua rede, aos meus amigos maridos das amigas e às famílias dos amigos;
Aos meus avôs e às minhas avós e a todos os meus antepassados;
À Jackie pela força na reta final;
À acupuntura, à medicina, às massagens e aos tratamentos complementares;
À Chic Chic, ao Bazar DaPraça, ao Fazendo História;
Ao Cipó, à Pinga, à Laika, ao Billy;

À vida, à LLA, aos pontos de interrogação, a tantos amigos, tantas pessoas queridas, agradeço a todos que em pensamento ou presença física estão ao meu lado, que são parceiros na jornada;

Aos meus doadores de medula;

Aos autores, filósofos e artistas que iluminam as idéias que compõem meu viver;

Ao cinema, à musica, à literatura, às boas comidas e à arte;

A você que está lendo;

À vida viva.

“É sempre do corpo que se trata, mesmo e principalmente quando se parte do
corpo da escrita.¹”

Peter Pál
Pelbart
p. 42

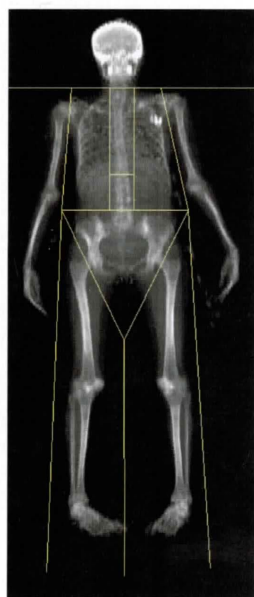
Hospital Israelita Albert Einstein
Av. Albert Einstein, 627
Sao Paulo, SP

Name: Grinfeld, Tatiana
Patient ID: 532263
DOB: 29 December 1977

Sex: Female
Ethnicity: White

Height: 165.0 cm
Weight: 41.1 kg
Age: 35

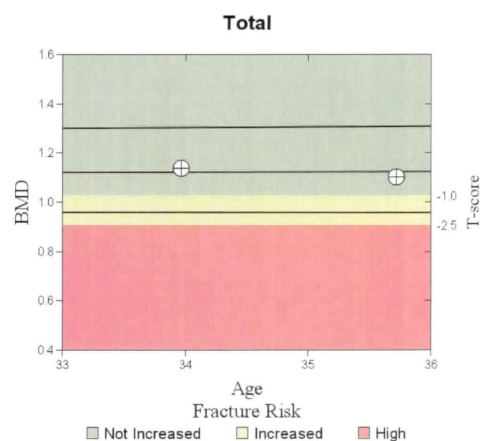
Referring Physician:



318 x 150

Scan Information:

Scan Date: 17 September 2013 ID: A09171311
Scan Type: a Whole Body
Analysis: 17 September 2013 12:39 Version 13.3
Auto Whole Body
Operator: aplp
Model: Discovery W (S/N 83394)
Comment:



T-score vs. White Female; Z-score vs. White Female. Source: 2008 NHANES White Female

DXA Results Summary:

Scan Date	Age	BMD (g/cm ²)	T - score	BMD Change (g/cm ²) vs Baseline	BMD Change (g/cm ²) vs Previous
17.09.2013	35	1.103	0.0	-0.035*	-0.035*
16.12.2011	33	1.138	0.4		

* Denotes significance at 95% confidence level, LSC is 0.013850 g/cm²

HOLOGIC®

GRINFELD, Tatiana. **Potências da fragilidade: só um corpo vivo sobrevive.**

RESUMO

Potências da fragilidade: só um corpo vivo sobrevive traz questões sobre o que é um corpo frágil. O corpo pode estar muito fragilizado e, mesmo assim, encontrar conexões que o fortaleça, que o movimente e que torne possível que novas possibilidades do viver sejam criadas.

A pesquisa busca refletir sobre as potências de um corpo que sofreu abalos e passou por situações traumáticas, sejam estas situações de doenças ou situações de guerra. São colocadas questões sobre fragilidade, potência, corpo, vida, morte, tempo, espaço e memória e sobre a coexistência do que poderia ser considerado antagônico.

São feitas relações com artistas contemporâneos e, ao longo da dissertação foram inseridas algumas imagens de trabalhos destes artistas.

As reflexões aqui propostas encontram parceria no pensamento de alguns filósofos da contemporaneidade.

Palavras-chave: corpo, resistir, vivo, potência, sobreviver, doença, guerra, arte, fragilidade

ABSTRACT

Powers fragility: only a living body survives brings questions about what is a fragile body – a body that is breakable and creator at the same time. The body may be very fragile and yet find connections in life, which move and which makes possible new possibilities and ways of life. The research seeks to reflect on the powers of a body that suffered with situations of disease or war situations. Questions about fragility, power, body, life, death, time, space and memory and the coexistence of what could be considered antagonistic.

Relationships with contemporary artists are made and there are some images of works of these artists along the dissertation.

The reflections here meet partnership at the thought of some contemporary philosophers.

Keywords: body, resist, live, power, survival, disease, war, art, fragility

MEU FILHO

Meu filho,
Você é um ser.
Existe na medida do mundo.
É pouco.
O mundo é a constatação da realidade exterior que te cerca.
É a tua medida inicial.
É o teu começo mas não o teu fim.
É o chão da tua expressividade pois você é um ser vertical.
Para cima do chão há o “invisível”.
Você pode olhar os seus pés mas não a sua própria imagem.
Esta você a percebe.
Na verticalidade está a medida da sua procura.
Quando você aceitar a simples constatação da vida, aí sim, será o seu começo.
O primeiro sentimento será de perda pois tudo que cai na constatação é vivido como ganho.
Tudo adquirido como perda até a integração absoluta do “o percebido” no seu interior.
É a própria dinâmica da vida: perde-ganha.
Quando você se sentir no mais absoluto desespero você está sendo salvo.
Solte e aceite a tua intuição que te levará a uma aparente solução – solução esta sempre provisória.
Aceite o provisório pois jamais o processo pode parar.
A vida pode vir a ser uma realidade extraordinária desde que você esteja voltado para sua procura interior.
Não há realidade independente do “interior de si”.
Desconfie das coisas claras, a pureza é descoberta dentro da maior conturbação de uma crise. É o ponto luminoso dentro da maior escuridão.

O teu corpo meu filho, é o veículo da tua vivência.
Não o impeça de florir por nada. Cuide dele como você cuida do teu carro.
Toda a tua riqueza interior vai suá-lo, sujá-lo, e até sangrá-lo.
Quando ele estiver gasto externamente você mesmo estará mais inteiriço e completo interiormente.
Você o despirá um dia como a crisálida deixa o casulo.
Ai de você se neste momento você é ainda o início não elaborado pois aí você vai saber que esteve permanentemente morto em vida.

Lygia Clark

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	45
 (H)A ORIGEM? DE ONDE E QUANDO SE PARTE	
OS MÉDICOS ACHAM QUE É LEUCEMIA.....	57
RESISTIR	70
SOBREVIVER	79
SITUAÇÕES LIMITE	87
 CORPO COLAPSADO CRIADOR	
SÓ UM CORPO VIVO SOBREVIVE	99
CORPO FIAPPO SE DESFIA E CRIA DESAFIOS	101
ROSA-DOS-VENTOS	110
ATLAS TG.....	112
ARTE BÚSSOLA	131
 BIBLIOGRAFIA	 148

LEGENDAS

Neste trabalho, as tradicionais notas de rodapé, que têm como função apontar citações e informações complementares das publicações (como autor e página de referência), são “notas laterais”. Ou seja, toda informação adicional ao texto está apontada ao lado do mesmo.

As citações que têm como referência um site ou blog da internet também estão indicadas por notas laterais.

A seguinte legenda pode ser usada como referência para as notas laterais:

Christopher Hitchens p. xx (número da página que a citação está) para:

Hitchens, Christopher, 1949-2011.

Últimas palavras / Christopher Hitchens ; tradução Alexandre Martins ; prefácio de Graydon Carter ; posfácio de Carol Blue. – São Paulo: Globo, 2012.

Clarice Lispector p. xx (número da página que a citação está) para:

Lispector, Clarice, 1925 - 1977

Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres / Clarice Lispector. – Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

David Lapoujade p. xx (número da página que a citação está) para:

Lapoujade, David

O corpo que não aguenta mais. / David Lapoujade. In: Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo / organizadores Daniel Lins e Sylvio Gadelha. – Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

Denise B. de Sant’Anna para:

Sant’Anna, Denise Bernuzzi de

Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea / Denise Bernuzzi de Sant’Anna. – São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

Didi-Huberman para:

Texto do catálogo da exposição **ATLAS Como carregar o mundo nas costas?** (ATLAS ¿Cómo llevar el mundo auestas?) foi apresentada no Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía (Madrid) de 26 de Novembro de 2010 a 28 de Março 2011
www.museoreinasofia.es (data do acesso: 04/03/2014)

Friedrich W. Nietzsche para:

Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900.

A gaia ciência; tradução: Márcio Pugliesi, Edson Bini (e) Norberto de Paula Lima. São Paulo, Hemus, 1976.

Gilberto Gil: Metáfora para:

Letra da música *Metáfora* composta por Gilberto Gil

Gilles Deleuze para:

Deleuze, Gilles, 1925-1995

Crítica e clínica / Gilles Deleuze; tradução de Peter Pál Pelbart. – São Paulo: Ed.34,1997.

Godard para:

Je vous salue Sarajevo [Ave, Sarajevo] · 1993 · vídeo · DVD, cor, som · 2'15" direção, roteiro, voz, edição Jean-Luc Godard · música Arvo Pärt; mixagem François Musy; produção Périphéria
<http://www.youtube.com> (data do acesso: 28/02/2014)

Jean-Claude Bernardet para:

Bernardet, Jean-Claude

A doença, uma experiência / Jean-Claude Bernardet. – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Louise Bourgeois para:

Texto de Paulo Herkenhoff para a 23ª Bienal Internacional de São Paulo

http://entretenimento.uol.com.br/27bienal/anteriores/1996/artistas/louise_bourgeois.jhtm

Bourgeois/Herkenhoff para:

Louise Bourgeois: The Fabric Works p.140

Trecho extraído de: “**Paulo Herkenhoffin conversation with Louise Bourgeois**”, in Loise Bourgeois, edited by Robert StorrPaulo Herkenhoff and Alan Schwartzman (Phaidon: London & New York, 2003, p.12

Lygia Clark para:

Carta de Lygia Clark a seu filho, versão, 1970

In:

Catálogo publicado por ocasião da exposição **Lygia Clark: da obra ao acontecimento.**

Somos o molde. A você cabe o sopro. Organizada pelo Musée des Beaux-Arts de Nantes, França (08/10 a 31/12 de 2005) e pela Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil, (25/01 a 26/03 de 2006) com a colaboração da Associação Cultural “O Mundo de Lygia Clark”

Curadoria: Suely Rolnik e Corinne Diserens

Lisette Lagnado para:

Lagnado, Lisette

Leonilson: são tantas as verdades = so many are the truths / Lisette Lagnado. São Paulo:

Projeto Leonilson: SESI, 1995.

Noemi Jaffe para:

Jaffe, Noemi

O que os cegos estão sonhando?: com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945) e texto final de Leda Cartum / Noemi Jaffe. – São Paulo:

Editora 34, 2012 (1ª Edição).

Noemi Jaffe: blog do Centro da Cultura Judaica para:

Uma resistência absurda

<http://www.culturajudaica.org.br/blog/uma-resistencia-absurda/>

publicado em 26/09/2013

Peter Pál Pelbart para:

Pelbart, Peter Pál

Vida capital: ensaios de biopolítica / Peter Pál Pelbart. – São Paulo: Iluminuras, 2003.

Quando a citação tem a marcação ¹, se refere à: AGAMBEN, Giorgio. *Baterbly ou La création*, Paris, Circe, 1995, p.59.

Quando a citação tem a marcação ⁹, se refere à: Stiegler, Barbara. *Nietzsche et la biologie*, Paris, PUF, 2001, p.38.

Primo Levi: *É isto (...)?* para:

Levi, Primo

É isto um homem? Primo Levi; tradução de Luigi Del Re. – Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

Primo Levi: *Os afogados (...)* para:

Levi, Primo

Os afogados e os sobreviventes / Primo Levi; tradução Luiz Sérgio Henriques – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

Josef Szajna para:

Comentários de Szajna inseridos em textos dos sites:

www.maldororediciones.eu/vanguardias/szajna.htm (data do acesso: 28/02/2014)

www.nytimes.com/2008/06/30/theater/30szajna.html (data do acesso: 28/02/2014)

Suely Rolnik p. 64 para:

Rolnik, Suely

Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo / Suely Rolnik. – Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

Suely Rolnik: *A vida na berlinda* para:

Rolnik, Suely / A vida na berlinda

Publicado in Cocco, Giuseppe (org.). *O trabalho da multidão: Império e Resistência* vida na Berlinda. Editora Griphus, RJ, 2002; pp.109-120 e in *Trópico. Idéias de Norte a Sul*. 25/07/2002 <http://www.uol.com.br/tropico/> Conferência proferida nos colóquios: *Theaters of Life*, Performance Studies International (PSi), Department of Performance Studies, New York Universityet Hemispheric Institute for Performance Studies (Nova York, 12/04/02); *Theater der Welt 2002* e Bundeszentrale für politische Bildung (Colônia, 27/06/02); *Global Dance 2002 Aesthetics of Diversity*, World DanceAlliance Festival (Düsseldorf, 26/08/02); *IV Simpósio Internacional de Filosofia: Nietzsche e Deleuze – Bárbaros e Civilizados*, Laboratório de Estudos e Pesquisas da Subjetividade (LEPS-UFC) (Fortaleza, 04/11/02); *Soberanias*, Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos. Espaço Cultural de Furnas (Rio de Janeiro, 24 a 27 abril 2002); *O trabalho da Multidão. Império, poder e resistência*, organizado por Labtec/EPPG/UFRJ, Programa IDEA/ ECO/UFRJ, Museu da República (Rio de Janeiro, 20/5/02).

<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Berlinda.pdf> (data do acesso: 28/02/2014)

TG para:

(Tatiana Grinfeld) Comentários da autora desta dissertação

<https://vimeo.com/43378599> para:

Vídeo da mesa redonda em que Didi-Huberman fala sobre a exposição de Esther Shalev-Gerz intitulada *Entre a escuta e a palavra: últimos testemunhos, Auschwitz-Birkenau, 1945-2005*.

(data do acesso: 28/02/2014)

Vladimir Safatle para:

Texto: *Grande demais*

Coluna do jornal Folha de São Paulo (13/03/2012)

www1.inca.gov.br para:

INCA (Instituto Nacional de Câncer) (data do acesso: 15/09/2013)

www.mdanderson.org para:

MD Anderson (data do acesso: 15/09/2013)

USHMM para:

Mapas

United States Holocaust Memorial Museum <http://www.ushmm.org> (data do acesso: 01/03/2014)

LISTA DE IMAGENS

Exame Densitometria Óssea de Tatiana Grinfeld.....	p.XV
LEONILSON: Instalação na Capela do Morumbi, 1993. Foto: Eduardo Brandão.....	p.48
LEONILSON: 34 com scars, 1991 (acrílica e bordado s/ voile).....	p.49
LEONILSON: Curso é coisa da época do avião a lenha, 1992.....	p.50
NAVEGAR (NÃO) É PRECISO, 2009 (origami de barquinho de papel sobre foto ampliada de imagem de tomografia do cérebro (exame de tomografia de Tatiana Grinfeld, Abril de 2008). Foto: Tatiana Grinfeld.....	p. 53
NAVEGAR (NÃO) É PRECISO, 2009 (origami de barquinho de papel sobre foto ampliada de imagem de tomografia do cérebro (exame de tomografia de Tatiana Grinfeld, Abril de 2008). Foto: Tatiana Grinfeld.....	p.54
NAVEGAR (NÃO) É PRECISO, 2009 (origami de barquinho de papel sobre foto ampliada de imagem de tomografia do cérebro (exame de tomografia de Tatiana Grinfeld, Abril de 2008). Foto: Tatiana Grinfeld.....	p.55
VIVO (algodão, linha de costura e pérola). Foto Tatiana Grinfeld, 2013.....	p.58
SOBRE (algodão, linha de costura). Foto Tatiana Grinfeld, 2013.....	p.61
SOBREVIVO (algodão, linha de costura e pérola). Foto Tatiana Grinfeld, 2013.....	p.65
SOBREVIVO (algodão, linha de costura e pérola) + GOTA SANGUE VIVO (desenho de gota bordado em gaze com fio de algodão vermelho). Foto Tatiana Grinfeld, 2013.....	p.69
MAPA com números da população de judeus na Europa em 1933 (USHMM).....	p.71
MAPA com números da população de judeus na Europa em 1950 (USHMM).....	p.72
MAPA com os maiores campos nazistas na Europa, 1943-1944 (USHMM).....	p.75
MAPA de campos de concentração nazista na Europa (USHMM).....	p.76
MAPA com o sistema ferroviário europeu em 1939 (USHMM).....	p.78
PÉ - mini almofada, 2010 (desenho dos ossos de um pé humano bordado com linha branca em tecido voile branco e costurado como almofada com enchimento de algodão, 6 x 3,5 cm). Foto: Tatiana Grinfeld.....	p.80
OSSO Gaze, 2013 (palavra “osso” bordada com linha bege sobre faixa de atadura). Foto: Tatiana Grinfeld.....	p.81
OSSO Fita de Moebius, 2013 (palavra “osso” escrita com fitas/pulseiras usadas	

no hospital para identificação dos pacientes). Foto: Tatiana Grinfeld.....	p.82
LEONILSON: detalhe de Emtý Man, 1991. Foto: Tatiana Grinfeld, 2011 na exposição: Sob o Peso dos Meus Amores – 17 a 29 de Maio de 2011; Itaú Cultural.....	p.84
Colagem FRÁGIL 1, 2014 (impressão colorida em transparência - mapa de campos de concentração nazista na Europa - sobreposta à colagem de imagens de exames de Tatiana Grinfeld com fita adesiva colada por cima Foto: Tatiana Grinfeld.....	p.88
Colagem FRÁGIL 2, 2014 (impressão colorida em transparência - mapa de campos de concentração nazista na Europa - sobreposta à colagem de imagens de exames de Tatiana Grinfeld com fita adesiva colada por cima Foto: Tatiana Grinfeld.....	p.89
Colagem FRÁGIL 3, 2014 (impressão colorida em transparência - mapa do sistema ferroviário europeu de 1939 - sobreposta à colagem de imagens de exames de Tatiana Grinfeld com fita adesiva colada por cima). Foto: Tatiana Grinfeld.....	p.90
DESENHO CORAÇÃO (imagem extraída da internet).....	p.94
CORAÇÃO – palavra, 2010 (palavra “coração” bordada com linha branca em tecido voile branco. Costurado como almofada com enchimento de algodão, com imã por dentro, e pendurado em fio de metal – 7 x 3 cm). Foto: Tatiana Grinfeld.....	p.95
LEONILSON: O Perigoso, 1992 (Nanquim e sangue s/papel).....	p.97
PULMÃO – desenho bordado, 2013 (linha bege sobre faixa de atadura). Foto: Tatiana Grinfeld.....	p.100
Art is a guaranty of sanity - Louise BOURGEOIS (2000) / lápis em papel rosa (27,9 x 21,6 cm). Foto: Chistopher Burke.....	p.102
GOTA SANGUE VIVO, 2013 (desenho de gota bordado em gaze com fio de algodão vermelho). Foto Tatiana Grinfeld.....	p.104
GOTA SANGUE VIVO - dentro (desenho de gota bordado em gaze com fio de algodão vermelho colocado dentro de uma cúpula de vidro transparente). Foto Tatiana Grinfeld, 2013.....	p.105
LEONILSON (Barco: fotografia feita na exposição Sob o Peso dos Meus Amores – curadoria de Bitu Cassundé e Ricardo Resende / 17 de Março a 29 de Maio de 2011, Itaú Cultural -SP). Foto: Tatiana Grinfeld.....	p.108
LEONILSON (Ponte: fotografia feita na exposição Sob o Peso dos Meus Amores – curadoria de Bitu Cassundé e Ricardo Resende / 17 de Março a 29 de Maio de 2011, Itaú Cultural -SP). Foto: Tatiana Grinfeld.....	p.109

ATLAS TG (cinco páginas com imagens selecionadas por Tatiana Grinfeld (as roupas e os objetos foram produzidos por Tatiana, assim como todas as fotografias), 2014.....p.117

Da esquerda para a direita:

- vestido “DO CÓCCIX ATÉ O PESCOÇO DO PESCOÇO ATÉ O CÓCCIX”, 2004
- blusa de manga longa “E O PULSO AINDA PULSA”, 2003
- vestido com inserção de ilhós de meta na região do umbigo, 2003
- fotografia de NAVEGAR (NÃO) É PRECISO, 2009
- fotografia de parede em rua de NY, 2005
- fotografia de parede em rua de NY, 2005
- fotografia de imagem de tomografia do cérebro presa com imã em um fio de metal, 2013
- detalhe de ilustração feita por NETTER / lâmina 95 (Meninges e Veias Superficiais do Cérebro). Imagem scaneada 2013
- VEIAS DANETE (fotografia de pote de Danete), 2007
- VEIAS DANETE (fotografia de pote de Danete), 2007
- imagem de raio X de tórax, 2010
- PORTA GIRO / DENTRO-FORA-DENTRO (frames de vídeo de porta giratória rodando), 2009
- PORTA GIRO / DENTRO-FORA-DENTRO (frames de vídeo de porta giratória rodando), 2009
- CIDADE LUZ (fotografia de pôr do Sol visto atrás de lustres), 2006
- OSSO (osso suíno envolvido com gaze e tule vermelho com sementes de feijão dentro) – trabalho produzido para a disciplina “Laboratório III – Lição de Anatomia” UNICAMP, 2010
- OSSO (osso suíno envolvido com gaze e tule vermelho com sementes de feijão dentro) – trabalho produzido para a disciplina “Laboratório III – Lição de Anatomia” UNICAMP, 2010
- OSSO (osso suíno envolvido com gaze e tule vermelho com sementes de feijão dentro) – trabalho produzido para a disciplina “Laboratório III – Lição de Anatomia” UNICAMP, 2010
- TÊNIS ÁRVORE (planta e terra dentro de um sapato) - trabalho produzido para a disciplina “Laboratório III – Lição de Anatomia” UNICAMP, 2010
- TÊNIS ÁRVORE (planta e terra dentro de um sapato) - trabalho produzido para a disciplina “Laboratório III – Lição de Anatomia” UNICAMP, 2010
- TÊNIS ÁRVORE (planta e terra dentro de um sapato) - trabalho produzido

para a disciplina “Laboratório III – Lição de Anatomia” UNICAMP, 2010

- PELE SOU SOUL (fotografia da pele – perna com hematoma - de Tatiana Grinfeld), 2014
- PELE SOU SOUL (fotografia da pele – tornozelo - de Tatiana Grinfeld), 2014
- PELE SOU SOUL (fotografia da pele – perna - de Tatiana Grinfeld), 2014
- PELE SOU SOUL (fotografia da pele – pé - de Tatiana Grinfeld), 2014
- PELE SOU SOUL (fotografia da pele – braço - de Tatiana Grinfeld), 2014
- PELE SOU SOUL (fotografia da pele – pé - de Tatiana Grinfeld), 2014
- PELE SOU SOUL (fotografia da pele – perna - de Tatiana Grinfeld), 2014
- AREIA SEREIA (fotografia de praia em Ubatuba), 2007
- fotografia de praia em Ubatuba, 2013
- fotografia de praia em Ubatuba, 2013
- fotografia de praia em Ubatuba, 2013
- fotografia de praia em Ubatuba, 2013
- GOTA SANGUE VIVO – dentro, 2013
- CORAÇÃO – palavra gaze dentro, 2013 (palavra “coração” bordada em gaze com fio de algodão vermelho colocada dentro de uma cúpula de vidro transparente)
- CAMADAS – mini almofada, 2010 (palavra “camadas” bordada com linha branca em tecido voile branco. Costurado como almofada com enchimento de algodão, 9 x 4cm)
- PÉ - mini almofada, 2010 (desenho dos ossos de um pé humano bordado com linha branca em tecido voile branco e costurado como almofada com enchimento de algodão, 6 x 3,5xcm)
- PULMÃO – mini almofada, 2010 (desenho de pulmão bordado com linha branca em tecido voile branco. Costurado como almofada com enchimento de algodão e imã dentro pendurado em fio de metal, 6 x 5 cm)
- PULMÃO - desenho bordado, 2013 (linha bege sobre faixa de atadura)
- desenho de pulmão extraído da internet, 2014
- fotografia de braço com pulseira de identificação do HIAE (Hospital Israelita Albert Einstein), 2013
- fotografia de álcool gel, 2013
- fotografia de armário com material hospitalar, 2013
- fotografia de bomba que controla o fluxo de medicamentos infundidos, 2013
- desenho de esqueleto do corpo humano extraído da internet, 2014
- detalhe de ilustração feita por NETTER / lâmina 17 (Artérias e Veias Superficiais da Face e do Couro Cabeludo) Imagem scaneada, 2013

- detalhe de ilustração feita por NETTER / lâmina 286 (Artérias dos Intestinos Delgado e Grosso). Imagem scaneada, 2013
 - detalhe de ilustração feita por NETTER / lâmina 66 (Vasos Linfáticos e Linfonodos da Cabeça e do Pescoço) Imagem scaneada, 2013
 - desenho de coração humano extraído da internet, 2014
 - desenho de intestino (delgado e grosso) humano extraído da internet, 2014
 - desenho de coração humano extraído da internet, 2014
- ATLAS II (imagens de trabalhos de LEONILSON, KIKI SMITH, LOUISE BOURGEOIS, ANNETTE MESSENGER E FRANCIS UPRITCHARD selecionados e organizados lado a lado por Tatiana Grinfeld), 2014.....p.123

Legenda:

LEONILSON = LEO

KIKI SMITH = KS

LOUISE BOURGEOIS = LB

ANNETTE MESSENGER = AM

FRANCIS UPRITCHARD = FU

- LB: Horizontal Médico (frente e verso), 1998
 - KS: Untitled (Two Brains), 1994
 - LB: Auto retrato: A Náusea, 2001
 - KS: Untitled, 1985-1986
 - AM: articulated-disarticulated (2001-2002)
 - LEO: As ruas da cidade, 1988
 - KS: How I Know I am Here, 1985-2000
 - LB: Célula XXII (Retrato), 2000 (detalhe)
 - LB: Spiral Woman, 2003
 - FU: *War Dance*, Anton Kern Gallery, NY 2013 (4 imagens da exposição). Fotos: Tatiana Grinfeld, 2013
 - KS: Veins and Arteries, 1993
 - LEO: O ultimo vôo do intrépido filho de Dédalo, 1992
 - LEO: Senna imita Rosane e abre a torneira, 1991
 - LEO: (mala com vulcão: fotografia feita por Tatiana Grinfeld na exposição Sob o Peso dos Meus Amores, 2011)
 - LEO: Trágico acidente aéreo mata Papai Noel, 1991
 - LEO: Desculpe Vinicius , feiura é fundamental, 1993
 - LEO: Leo não consegue mudar o mundo, 1989
- LEONILSON “Todos os rios levam à sua boca”, s.d.....p. 133
- LEONILSON “Florais são moda entre desequilibrados”, 1991.....p.134

SZAJNA: imagens de trabalhos plásticos e de encenações produzidas por Josef Szajna.....	p.136, 137 e 138
(SOBRE) (POSIÇÕES) (TRANSITÓRIAS) I: impressão colorida em transparência de mapa do sistema ferroviário europeu em 1939 sobreposta ao trabalho NAVEGAR (NÃO) É PRECISO, 2009. Foto Tatiana Grinfeld, 2014.....	p.140
(SOBRE) (POSIÇÕES) (TRANSITÓRIAS) II: impressão colorida em transparência de detalhe de ilustração feita por NETTER / lâmina 17 (Artérias e Veias Superficiais da Face e do Couro Cabeludo) sobreposta à detalhe de imagem de mapa do sistema ferroviário europeu em 1939. Foto Tatiana Grinfeld, 2014....	p.141
(SOBRE) (POSIÇÕES) (TRANSITÓRIAS) III: impressão colorida em transparência de detalhe de ilustração feita por NETTER / lâmina 17 (Artérias e Veias Superficiais da Face e do Couro Cabeludo) sobreposta à detalhe de imagem de mapa dos campos de concentração nazista equipados com câmaras de gás, 1939-1945. Foto Tatiana Grinfeld, 2014.....	p.142
(SOBRE) (POSIÇÕES) (TRANSITÓRIAS) IV: impressão colorida em transparência de detalhe de ilustração feita por NETTER / lâmina 17 (Artérias e Veias Superficiais da Face e do Couro Cabeludo) sobreposta à PELE SOU SOUL (fotografia da pele – perna com hematoma). Foto: Tatiana Grinfeld, 2014.....	p.143
(SOBRE) (POSIÇÕES) (TRANSITÓRIAS) V: impressão colorida em transparência de mapa de campos de concentração nazista sobreposta à colagem feita com desenho de coração humano (extraído da internet em 2014) com recortes de imagens de ecocardiograma de 2010). Foto: Tatiana Grinfeld, 2014.....	p.144
(SOBRE) (POSIÇÕES) (TRANSITÓRIAS) VI: impressão colorida em transparência de mapa de campos de concentração nazista sobreposta à desenho de coração humano (extraído da internet). Foto: Tatiana Grinfeld, 2014....	p.145
LOGO e fotografia do MUSEU da Cultura PUC-SP. Foto: Tatiana Grinfeld, 2014.....	p.146
ILUSTRAÇÃO (folha transparente) de Fanny Feigenson Grinfeld e Tatiana Grinfeld sobre fotografia do MUSEU da Cultura PUC-SP. Foto: Tatiana Grinfeld, 2014.....	p.147
ILUSTRAÇÃO (folha transparente) de Fanny Feigenson Grinfeld e Tatiana Grinfeld. Foto: Tatiana Grinfeld, 2014	
ILUSTRAÇÃO (folha transparente) de Fanny Feigenson Grinfeld e Tatiana Grinfeld. Foto: Tatiana Grinfeld, 2014	
ILUSTRAÇÃO (folha transparente) de Fanny Feigenson Grinfeld e Tatiana Grinfeld sobre fotografia do MUSEU da Cultura PUC-SP. Foto: Tatiana Grinfeld, 2014	

INTRODUÇÃO

“A memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz. (...) As recordações que jazem em nós não estão inscritas na pedra; não só tendem a apagar-se com os anos, mas muitas vezes se modificam ou mesmo aumentam, incorporando elementos estranhos.”

Primo Levi: Os
afogados (...)
p.9

Primo Levi escreve que algumas lembranças podem estar no magma da memória e, por isso, “ (...) tendem a enevoar-se com o tempo, a perder seus contornos.” E, assim como o autor, afirmo: uma defesa é necessária, este mesmo trabalho está “embebido de memória”.

Primo Levi: Os
afogados (...)
p.15

A partir desse material “enevoado” e “sem contornos” surge outro material e outro e outros, que aqui, no presente trabalho, é apresentado. Um material enevoado e misturado com outros materiais também enevoados, que juntos formam outros materiais enevoados.

Este trabalho foi sendo constituído a partir de experiências rememoradas e vivenciadas ao longo das aulas no Núcleo de Estudos da Subjetividade da Pós Graduação em Psicologia Clínica e pode ser visto como um testemunho dessas experiências.

Aqui são colocadas questões sobre fragilidade, potência, vida, morte e sobre a coexistência do que poderia ser considerado antagônico, mas está lá, junto se fazendo, se moldando, como uma amálgama visceral.

Em 1997, aos 19 anos, fui diagnosticada com LLA (Leucemia Linfóide Aguda). A partir deste acontecimento e de suas

consequências (tratamentos, questionamentos e descobertas), busco relacionar e refletir sobre como um corpo em pedaços, um corpo frágil e colapsado se mantém vivo a pulsar e produzir novos modos de existência. Pensar que o corpo frágil e vulnerável é também o corpo vivo e criador move esta pesquisa. Junto com Nietzsche pergunto: “(...) em que se transforma o pensamento sob a pressão da doença?”

Friedrich W.
Nietzsche
p.10

No decorrer deste trabalho, ao pensar na memória e no ser sobrevivente, surgiu o tema dos corpos também frágeis, vulneráveis e potentes de pessoas que passaram por campos de concentração nazistas na Segunda Guerra Mundial. Este tema faz parte da minha história pessoal e é explorado nessa pesquisa.

Como um corpo frágil, que quase se desmancha, um “corpo fiapo”, consegue sobreviver e se conectar a seu desejo de vida? Como este corpo ativa o seu “vivo”? Como um corpo colapsado pode ser um corpo criador?

Acredito que a arte e a filosofia podem ser fios condutores que auxiliam na costura para que novas possibilidades do viver possam ser inventadas e para que este corpo não se dissolva por completo, para que ele continue no seu pulsar vivo. Dessa forma, busco explorar esta potência da fragilidade e o saber corporal em conversas com a filosofia contemporânea e com as artes visuais. Me interesse pela relação corpo-tempo-fragilidade-movimento-resistência-paradoxos-coexistência-memória-arte-vida, em seus desdobramentos e nas inúmeras possibilidades de pensar estas questões.

No decorrer da dissertação, apresento alguns projetos de minha autoria (fotografias e objetos) inseridos por entre o texto. Após ter passado por processos e tratamentos de saúde, de ter entrado mais profundamente em contato com meu próprio corpo e de ter trabalhado e sentido ele de forma mais intensa e presente, fui invadida por inúmeras questões e, de forma borbulhante, senti a necessidade de me expressar e produzir “algo”. No início meus trabalhos estavam relacionados com roupas, com bordados, com a memória dos tecidos e depois aconteceram alguns desdobramentos

para outros suportes, como fotografias e materiais relacionados ao universo hospitalar, como algodão, gaze, linhas cirúrgicas, entre outros. A palavra sempre foi um elemento presente em meus trabalhos, seja em bordados, seja em escritos à mão ou recortes e colagens.

TG: Produzia sem parar, muitas vezes durante a noite, com insônia em momentos em que tomava uma dose alta de corticóide e ficava muito agitada.

Ao investigar que dispositivos são lançados nesses processos de (des)conhecer o corpo e (re)conhecer sua fragilidade, esboço linhas para entender as implicações envolvidas e costuro estes pensamentos com trabalhos que produzi na área de artes visuais e também com trabalhos de alguns artistas contemporâneos escolhidos para esta pesquisa. Leonilson, Kiki Smith, Louise Bourgeois, Annete Messager e Francis Upritchard são alguns dos artistas cujas obras me inspiraram a pensar nas questões apresentadas na presente pesquisa por explorarem a complexa relação entre corpo e memória, entre frágil e potente e que, de alguma forma, são artistas que criam a partir da vulnerabilidade, da precariedade, da porosidade do corpo vivo.

José Leonilson Bezerra Dias (Fortaleza, 1957 - São Paulo, 1993) , artista que admiro muito, fez do seu trabalho uma espécie de diário pessoal.

Conheci seu trabalho e um pouco da sua história em 1993, quando visitei a instalação na Capela do Morumbi. Na ocasião soube que ele era HIV positivo e havia morrido recentemente, não vira a exposição pronta.

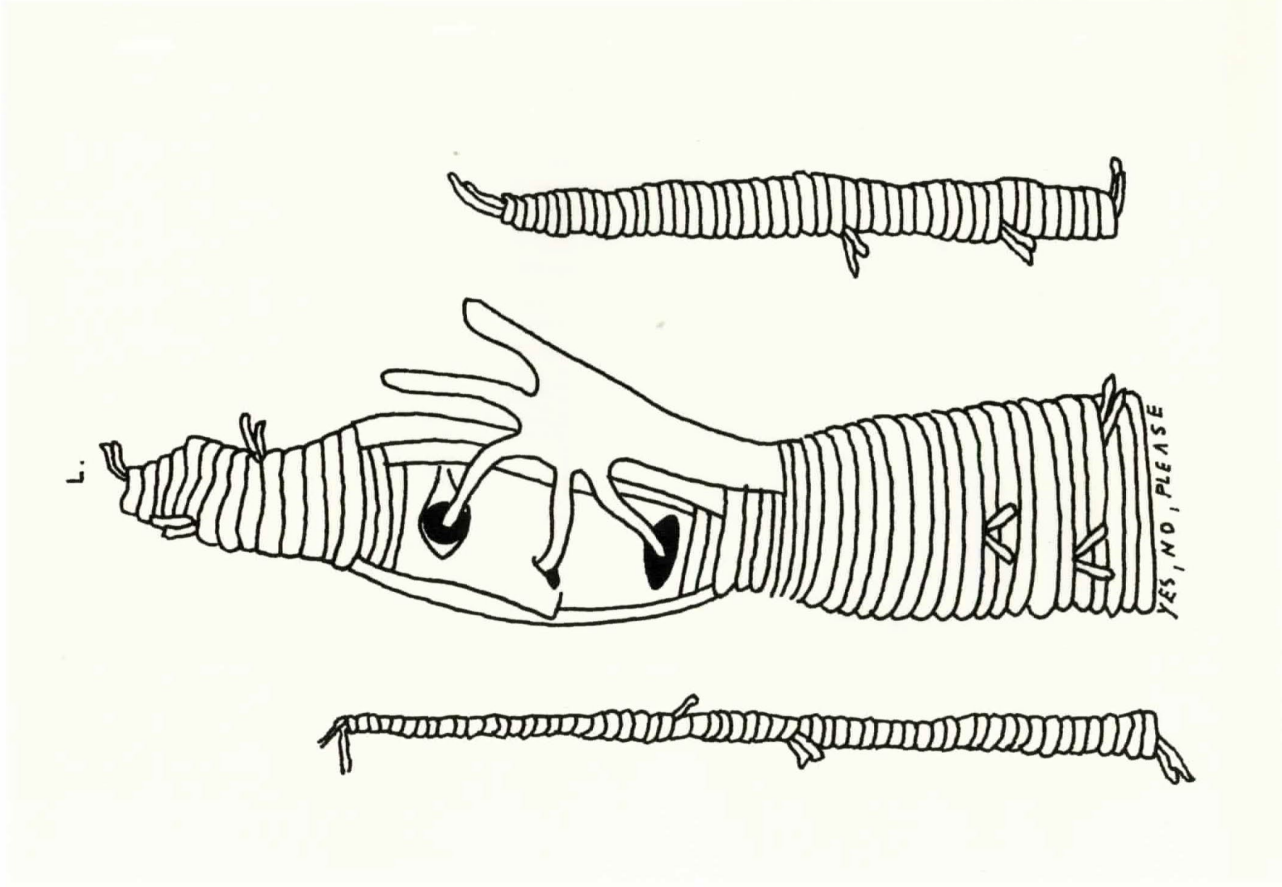
Fiquei muito tocada, até abalada, ao conhecer seu trabalho. Aqueles bordados nas camisas de longas mangas, longas, longas mangas me fizeram ficar ali parada, pensando na vida. E na morte.

Nas suas pinturas e bordados estão inscritas uma trajetória. Palavras e desenhos compõem linhas do seu caminhar e do seu jeito de ser e pensar. Em entrevista a Lisette Lagnado o artista disse: “Às vezes acho que pode ser um exercício de memória, para ficar lembrando.”

Lagnado
p.108







Segundo o crítico de arte e curador Bitu Cassundé, “Elemento marcante nas criações de Leonilson, a palavra revela intimidades e mostra que o corpo é a extensão da obra e a obra é uma extensão do corpo.”

Bitu
Cassundé

O arranjo de palavras, palavras soltas ou as abreviações de alguma informação que Leonilson coloca em seus trabalhos, pulsam e provocam uma vibração. A palavra não está ali por acaso, ela desperta, acorda o vivo.

Palavras que parecem banais se destacadas do contexto da obra, no trabalho de Leonilson, vêm à luz de forma a balançar o espectador, a incluí-lo fora do eixo, a ofuscar os olhos e a despertar o que antes não era conhecido.

A arte de Leonilson nos aproxima daquilo que somos: um corpo frágil feito de carne, ossos, músculos e fluidos. E pensamentos, muitos pensamentos. E sonhos.

Neste trabalho, busco refletir sobre a memória do corpo e trazer questões sobre o que é um corpo vivo frágil e criador. Um corpo traz consigo suas vivências e, ao longo do tempo vai acumulando, movimentando, perdendo, ganhando, construindo e desconstruindo trajetórias e experiências. Este corpo se transforma e se inventa a todo momento, é um movimento incessante, é criação sem fim. As reflexões aqui propostas são acerca do corpo, do tempo, da fragilidade, das camadas, dos caminhos percorridos e dos caminhos a percorrer.

Desenhar esta pesquisa (com linhas tortuosas e bambeantes) junto aos processos que foram surgindo e que deram origem a outros pensamentos e sensações, que permitiram que escorressem fluidos de idéias que eu não sabia que existiam, foi uma escolha desde o início apoiada pela minha orientadora, por meus colegas e pelos outros professores do Núcleo. Buscar costurar estas idéias, tendo como parceiros textos de filósofos contemporâneos como Gilles Deleuze, Felix Guattari, Friedrich Nietzsche, entre outros, as aulas e textos dos professores do Núcleo, depoimentos de pessoas que passaram por situações limite (doenças e guerras) e escolher artistas em que a expressão dos

afetos se dá através de seus trabalhos na área de poéticas visuais é o que fez essa pesquisa caminhar.

Em uma mesa redonda que aconteceu em Lisboa em março de 2012, Georges Didi-Huberman discorre sobre a questão do testemunho (as palavras), das testemunhas (as pessoas que falam) e do que chama de “témoinnaires” (para designar os destinatários dos testemunhos). Ele pensa estas questões a partir de um trabalho da artista “lituana, israelita, franco, sueca” Esther Shalev-Gerz intitulado *Entre a escuta e a palavra: últimos testemunhos, Auschwitz-Birkenau, 1945-2005*, mostrado na Câmara Municipal de Paris em comemoração aos 60 anos de libertação do campo de Auschwitz.

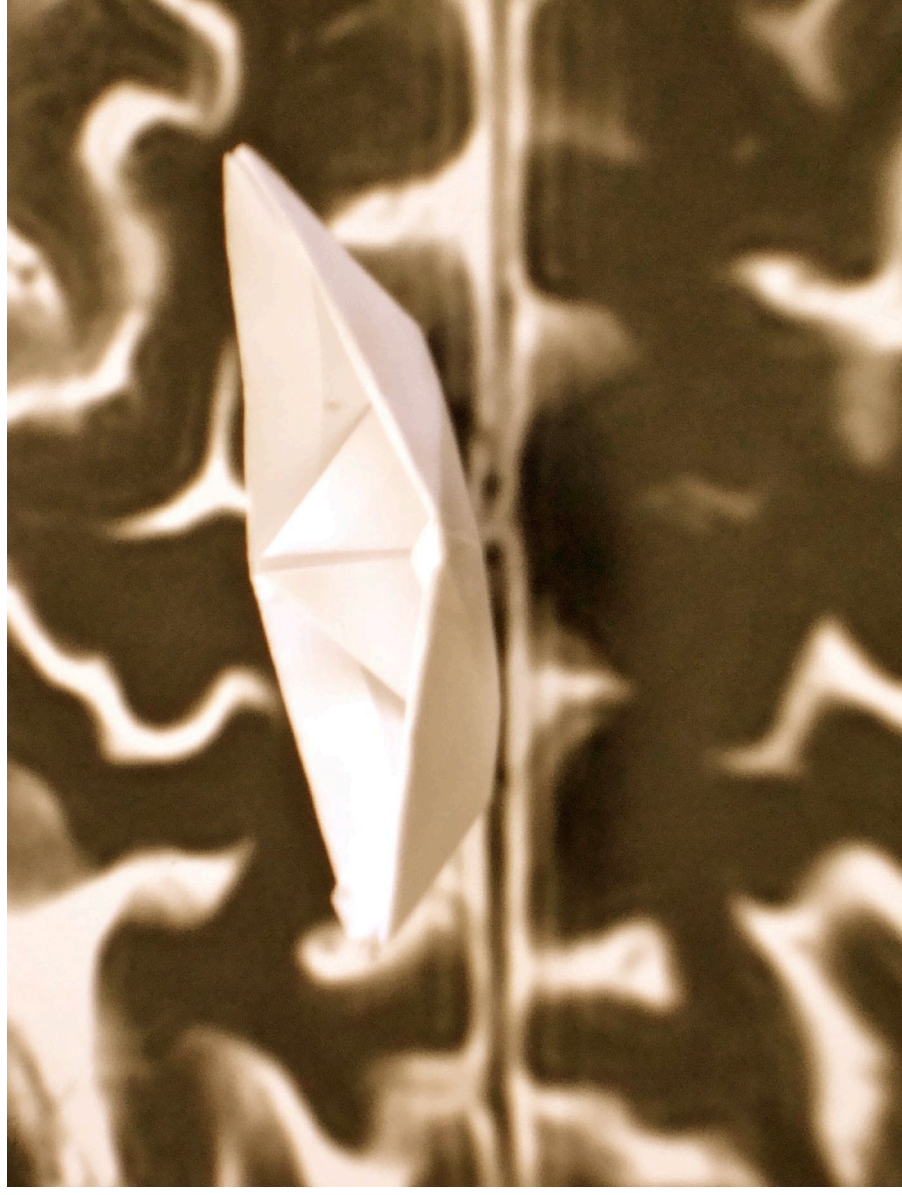
<https://vimeo.com/43378599>

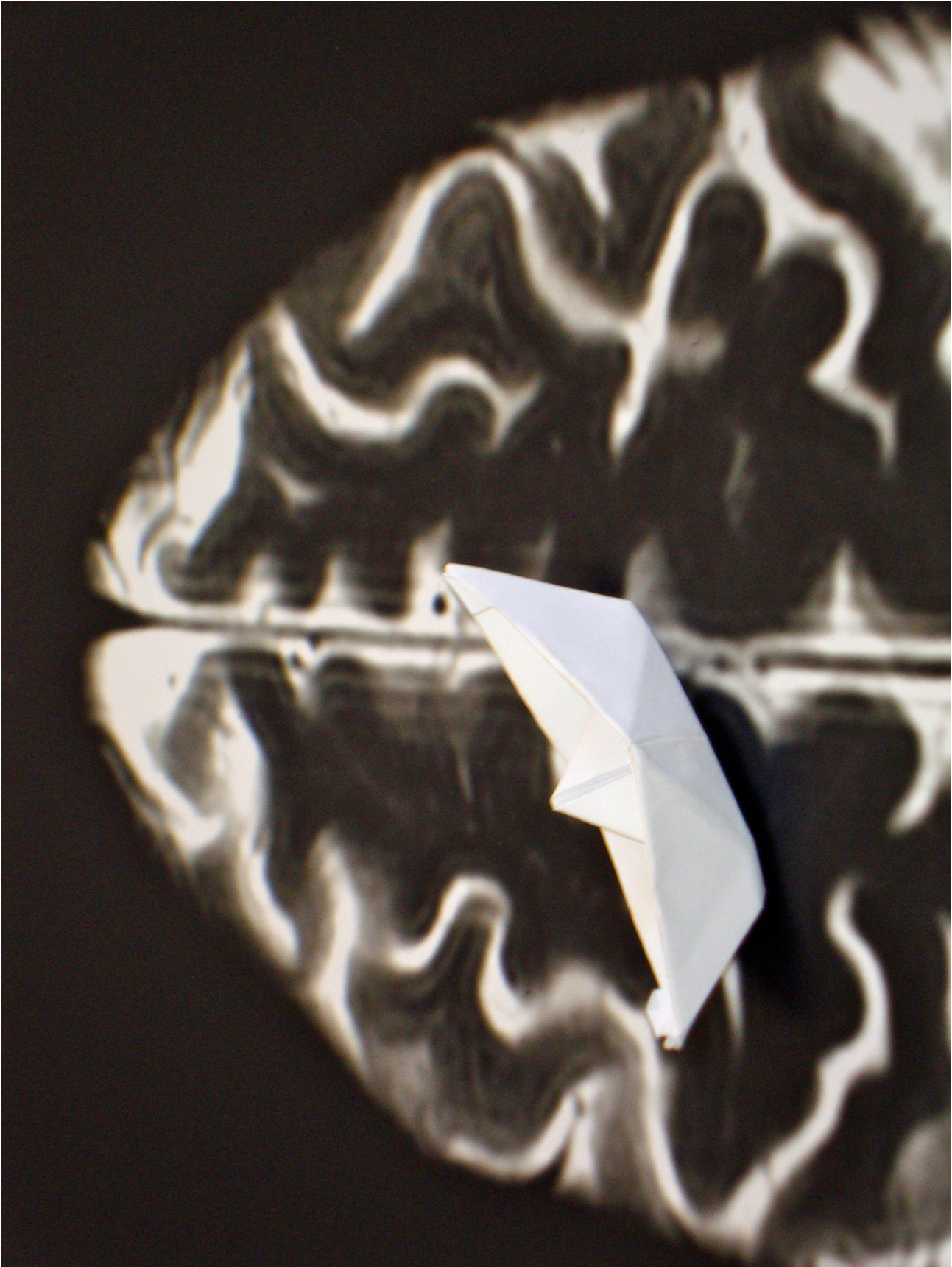
Em um grande salão, a artista expôs vídeos (colocou mesas compridas com cadeiras e, nelas, montou bases individuais, cada uma composta por um computador e um fone de ouvido) de depoimentos de sobreviventes de Auschwitz e, ao mesmo tempo, colocou em telões, fragmentos de imagens montadas dos silêncios que apareceram durante os depoimentos, o que Didi-Huberman chama de “momentos em branco na palavra”, quando a testemunha procurava o que falar ou era invadida por alguma emoção e ficava quieta.

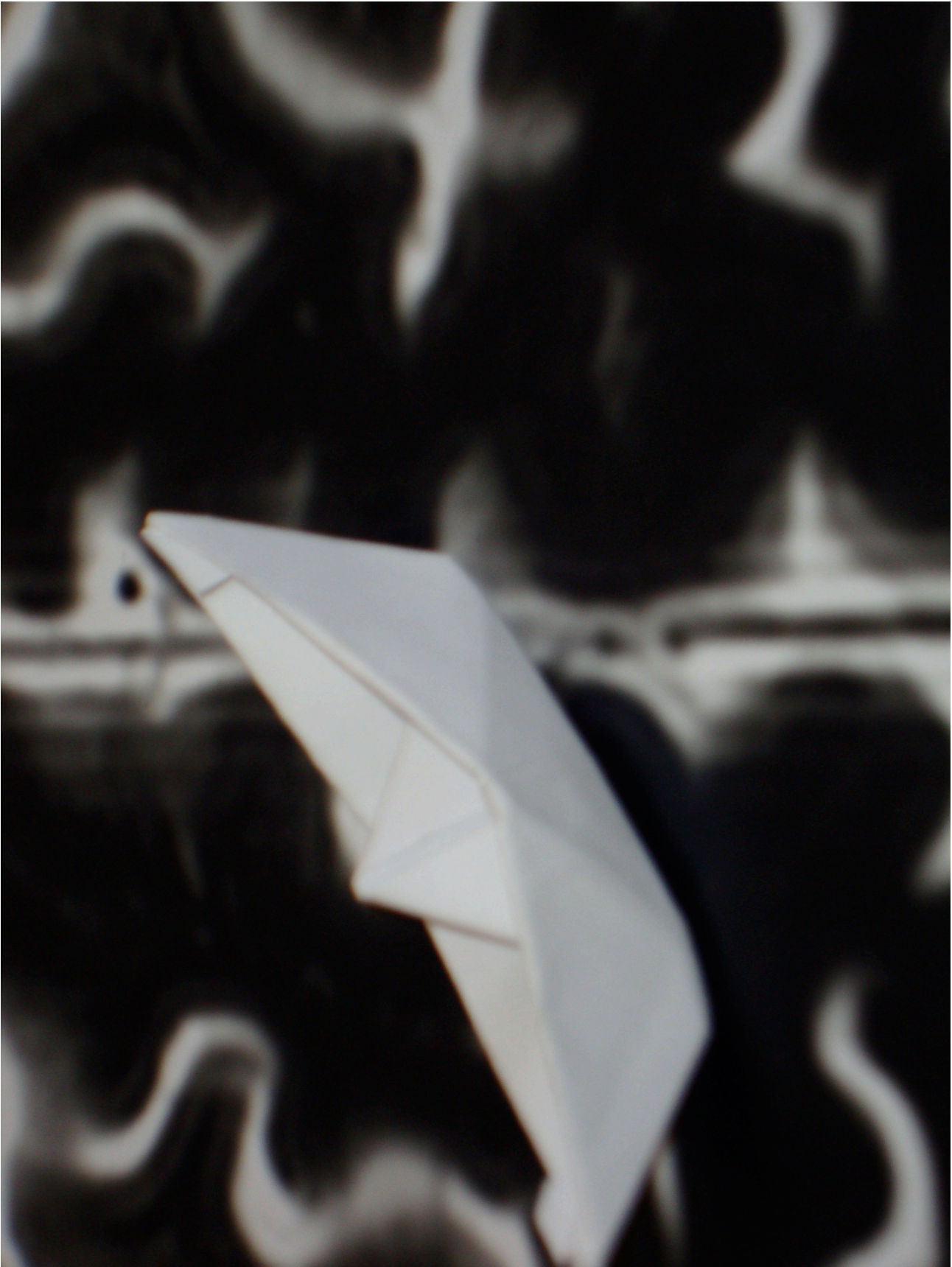
Didi-Huberman enfatiza a forma com que Gerz dispôs os elementos (vídeos, mesas e telões) dentro do salão da exposição, como os espectadores estavam sozinhos, mas um de frente para o outro e como o ambiente estava “estranhamente silencioso”. Didi-Huberman fala da coexistência entre paradoxos, a palavra e o silêncio, os fragmentos e lacunas, fala sobre momentos de fragilidade e como a artista expõe tudo isso de forma ética e estética. Ao citar Jean-Luc Nancy e seu pensamento sobre “being singular plural”, diz que é isso que qualquer entendimento político deve visar: manter juntos o singular e o plural. A fala (a palavra) e as lacunas de silêncio, “brancos dos silêncios”, constituem nossos processos de subjetivação e (des) subjetivação.

E é disso que o presente trabalho pretende falar, desses silêncios, desses fragmentos, das fendas, dos alas das

palavras, da criação, de paradigmas, de cartografias da memória, das vivências, dos testemunhos, das testemunhas, e dos “témoignaires”, que espero que sejam, de alguma forma, afetados por estes acontecimentos que me atravessam e que, penso eu, atravessam a todos nós.







(H)A ORIGEM? DE ONDE E QUANDO SE PARTE

OS MÉDICOS ACHAM QUE É LEUCEMIA

“Os médicos acham que é leucemia”. Abri os olhos e vi meu pai sentado ao meu lado falando no telefone. Eu estava deitada em uma cama, sabia que estava no hospital, pois lembro que cheguei de manhã cedinho, quase madrugada, com muitas dores. Cheguei consciente, mas acordei com meu pai ao telefone. Desconheço a duração exata do tempo que fiquei sedada depois de ser internada no hospital. Ao abrir os olhos e escutar meu pai, tive a sensação que se passou uma infinidade de tempo. Na realidade devem ter sido dois ou três dias.

“Uma vez internado, o paciente sofre uma ruptura com seu cotidiano, desencadeadora de um sentimento de ‘falta de existência’, como se ele ficasse repentinamente em déficit para com o mundo: separa-se da família, da residência, do bairro, do trabalho, dos amigos e começa a experimentar um constante desfazer de suas certezas e identidades; (...)”

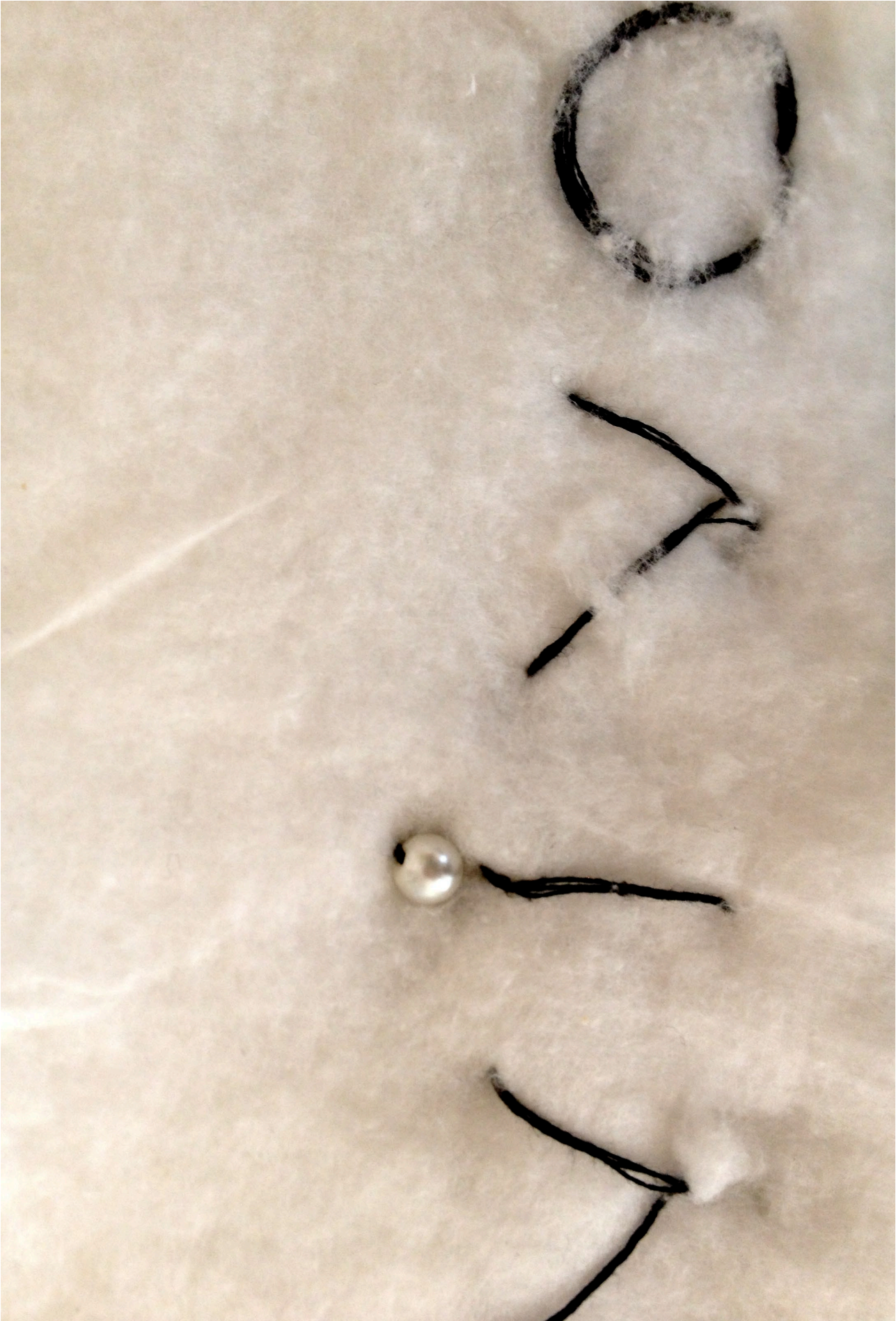
Denise B. de
Sant’Anna
p.31

Foram alguns dias com morfina na veia para aplacar as dores que eu sentia nas pernas e costas. Estava com dores há três meses, mas aquela madrugada foi o limite. Não sobreviveria mais nenhum minuto com aquelas dores. Passei uma semana zonda com o efeito dos opióides e sedativos que foram administrados a fim de amansar este momento de intensa dor.

“A vivência de separações inclui a fragmentação do tempo, do corpo e das atividades.”

Denise B. de
Sant’Anna
p.31

L-E-U-C-E-M-I-A. Sim, aquela doença que eu já ouvira falar. Aquela doença que aparece em alguns filmes e que, neles, a cura é quase sempre impossível. Nos filmes, ao ser dado o diagnóstico, é inevitável que o personagem que está doente irá morrer.



Fiquei assustada. Meu pai desligou o telefone. Quase imediatamente apareceu um médico. Lembro de “flashes” dessa primeira semana que fiquei hospitalizada. As coisas aconteciam quando eu abria os olhos e logo em seguida eu “apagava”. Eu via as pessoas, tentava falar alguma coisa, percebia que não estava conseguindo me comunicar, minha fala estava enrolada, as frases não se formavam, as palavras não conseguiam sair da minha boca. Tudo realmente muito confuso.

Tenho este momento da minha vida registrado em cenas, como se um acontecimento tivesse ocorrido logo após o outro. Primeiro meu pai falando “LEUCEMIA”, depois um médico simpático confirmando o diagnóstico e dizendo que a doença em questão tinha cura e que eu podia fazer todas as perguntas que quisesse. Ele também disse que não era meu médico “oficial”, que este se chamava Nelson, estava viajando e chegaria em dois dias. Depois lembro de ver algumas pessoas na minha frente, meu pai, mãe, meu namorado, irmão, primos. Depois lembro de um movimento mais intenso no quarto. Era o aniversário de 60 anos do meu pai, havia se passado uma semana da minha internação. Alguns amigos dos meus pais e a família fizeram uma festinha no hospital, levaram um bolo e cantaram “parabéns” na sala dos médicos. Eu ouvi a cantoria e as risadas.

“A imagem do conta-gotas é, nesse caso exemplar. Em alguns casos os visitantes são admitidos a conta-gotas, enquanto toda a rotina do hospital que precede e sucede cirurgias parece ritmada pelo pinga-pinga: muitas informações sobre o estado do paciente, o potencial dos remédios prescritos, os horários das cirurgias e da ‘próxima injeção’ também são transmitidos a pacientes e familiares em conta-gotas, aos pedaços.”

Mesmo aos pedaços, lembro quando as coisas começaram a ficar mais claras. Era outubro de 1997, eu tinha 19 anos, quase 20. O diagnóstico foi dado: LLA (Leucemia Linfóide Aguda). O prognóstico era positivo, já que a paciente, eu, era uma jovem adulta (a LLA atinge muito as crianças e ser jovem é um ponto positivo para o tratamento e cura). Muitos exames foram feitos para conhecer melhor as especificidades da doença.

Exames, exames, exames. Muitos exames. Muita invasão. Muita invasão. A lista é gigantesca. O número de agulhas é incontável. Agulhas de todas as medidas. Melhor não vê-las.

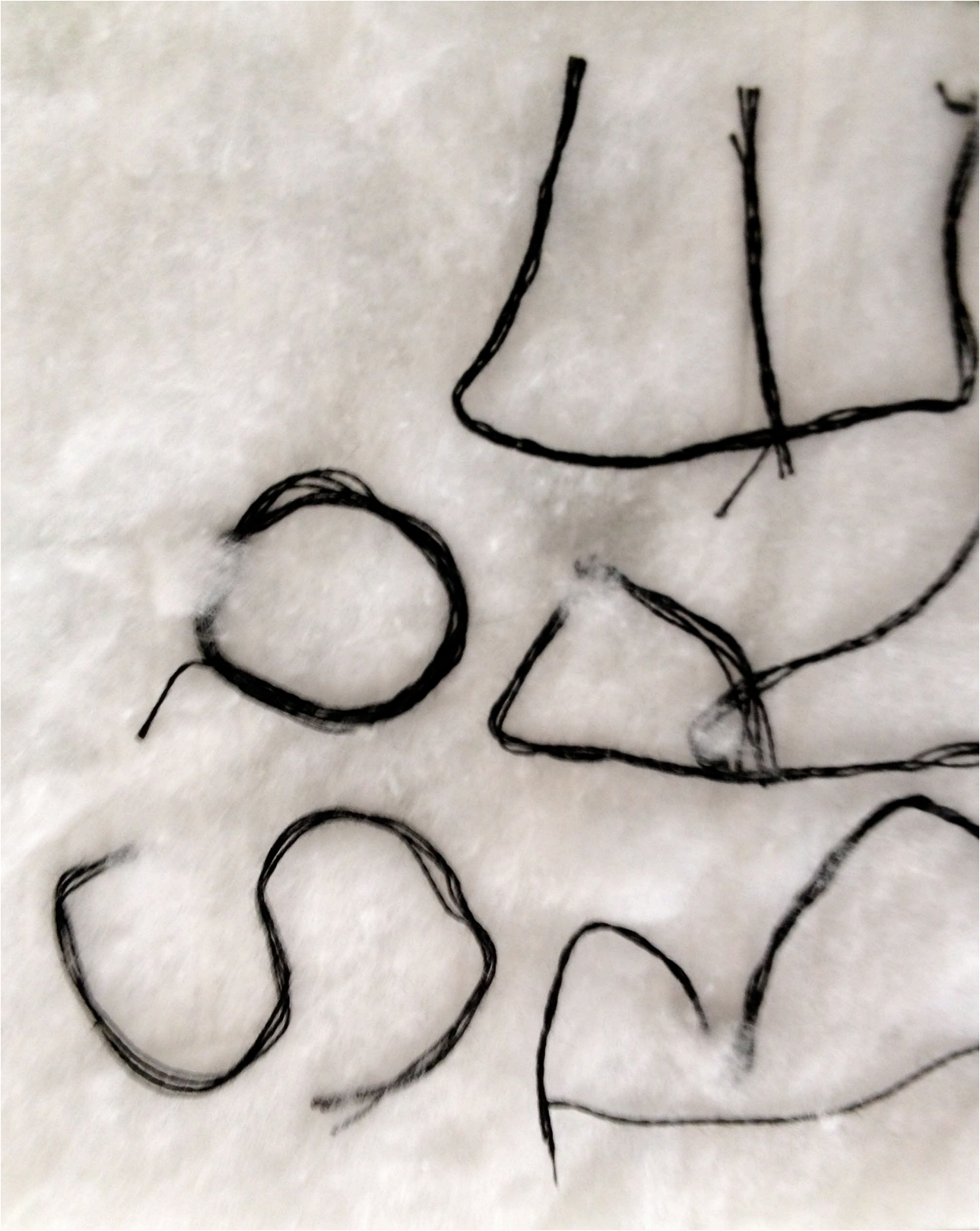
E eis que surgem outros personagens na história: as enfermeiras, a máquina de radiografar, a ressonância magnética, a tomografia, o mielograma, o citomegalovírus, os médicos especialistas nisso e naquilo e tantos outros personagens que vão aparecendo e compondo as cenas deste novo viver.

“Líquido céfalo-raquidiano: é o novo personagem, o líquido. Ficar absolutamente imóvel com a agulha na nuca, é o terror. Mas já não é o terror, a confiança no médico, farei tudo o que ele disser que preciso fazer, decidi. Me concentro, não me mexo um milímetro, a agulha entra tipo é agora ou nunca.”

Jean-
Claude
Bernardet
p.14

É agora ou nunca. Respirar. Esta era a única possibilidade, respirar e seguir adiante. Avante! Não havia outra coisa a fazer. Eu ouvia a explicação dos médicos, perguntava o que queria e fazia o que eles sugeriam. Até hoje, mais de 16 anos depois, é assim. Com algumas diferenças. Hoje, sei negociar melhor. E a equipe me respeita bastante, ponderamos juntos os melhores caminhos. O melhor caminho para cada momento. E os percalços acontecem, continuam acontecendo e isso faz parte do processo, pois não há garantias. Aliás esta é uma palavra banida do meu vocabulário. Garantia?

Durante um simples procedimento, algo considerado fácil entre a equipe médica, pode acontecer o inesperado. Navegar não é preciso. A precisão passa por muitas instâncias e, algo no caminho, pode surpreender. Sustos. Muitos sustos. Lista gigantesca de episódios que estavam fora do roteiro. A parada na UTI não estava no mapa. O trajeto escolhido contemplava Réveillon em casa, o aniversário também deveria ter escala na residência, ou em um restaurante, mas aconteceu em decúbito.



Compartilho a idéia de Christopher Hitchens sobre a “barganha da oncologia”: “em troca de pelo menos a chance de alguns anos úteis, você concorda em se submeter à quimioterapia e, se tem sorte com ela, à radiação ou mesmo à cirurgia. Então eis o trato: você fica mais um pouco por aqui, mas em troca vamos precisar tirar algumas coisas de você. Entre essas coisas podem estar suas pupilas gustativas, seu poder de concentração, sua capacidade de digestão, e os cabelos de sua cabeça.”

Christopher
Hitchens
p.20

E essa barganha é constante, não acontece apenas no momento inicial do tratamento do câncer. Acontece a toda hora, é uma negociação contínua com a equipe de médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas, com os familiares, amigos, psicólogos, consigo mesmo e com todos e tudo ao redor. Todavia, além “de pelo menos a chance de alguns anos úteis”, há outros ganhos, muitos outros. Tudo que vai sendo retirado vai, ao mesmo tempo, sendo recolocado. Talvez de outras formas, talvez em outra ordem, talvez sem ordem. Podem ser palavras, imagens, células...

Visualizar o mapa do corpo e imaginar o que estava acontecendo em cada parte (e também no todo), tentar entender os processos pelos quais cada órgão e víscera estava passando e cartografar (imaginando e também registrando em escritos, fotografias e trabalhos manuais como bordados, confecção de objetos em papel machê e outras técnicas) todo o processo, fez com que eu mergulhasse fundo, no mais profundo dos mundos, lá embaixo, bem fundo.

“Para os
geógrafos, a
cartografia –
diferentemente
do mapa:
representação
de um todo
estático – é um
desenho que
acompanha
e se faz
ao mesmo
tempo que os
movimentos de
transformação
da paisagem.”
/ Suely Rolnik
p. 23

“Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias.”

Suely Rolnik
p. 23

E, “(...) sempre, de qualquer modo é outro homem que regressa desses demorados e perigosos exercícios de autodomínio e que traz consigo outros pontos de interrogação suplementares e, antes de coisa alguma, a vontade

de perguntar de ora em diante, sobre mais coisas e com maior profundidade, rigor, duração, malignidade e silêncio do que tinha levado até ele.”

Friedrich W.
Nietzsche
p.13

Um longo trajeto a ser percorrido, que, hoje, sei que não tem fim, na época do diagnóstico e mesmo nos 10 anos seguintes eu achava que este percurso tinha um fim. O fim significava estar longe da doença. Hoje sei que o fim do percurso é o grande fim, a morte. Escolho continuar o caminhar, mas tenho que respeitar a marcha lenta, às vezes ré.

O tratamento da LLA pode ser curto e a cura definitiva acontecer em dois anos ou até menos. Afirma-se, tanto na comunidade médica quanto na leiga, que só é possível falar em cura de um câncer após cinco anos do fim do tratamento. Eu me curei da leucemia, mas hoje tenho uma doença crônica decorrente do meu tratamento.

No meu corpo as veias circulam e levam o sangue A+ que percorre um longo trajeto irrigando os órgãos. Nasci com sangue B+ e me tornei A+. Quando minha taxa de hemoglobina está muito baixa e necessito receber sangue, a bolsa que chega é O+, para não haver confusão. Mas nela está escrito que a paciente, meu nome e número de prontuário corretos, tem sangue A+. “A aptidão de um ser vivo de permanecer aberto às afecções e à alteridade, ao estrangeiro, também depende da sua capacidade em evitar a violência que o destruiria de vez.”

Peter Pál
Pelbart
p. 46

É estranho mudar o tipo sanguíneo. Fiz dois transplantes de medula. Sou um ser híbrido. Quem não é?

Somos um “mischmasch” como se diz em iídiche (língua falada pelos judeus Ashquenazi, originários da Europa Central e Oriental). Somos uma miscelânea, uma constante mudança de estado(s). A todo momento acrescentamos e descartamos, consciente e inconscientemente, elementos, forças e fluxos de diferentes intensidades.

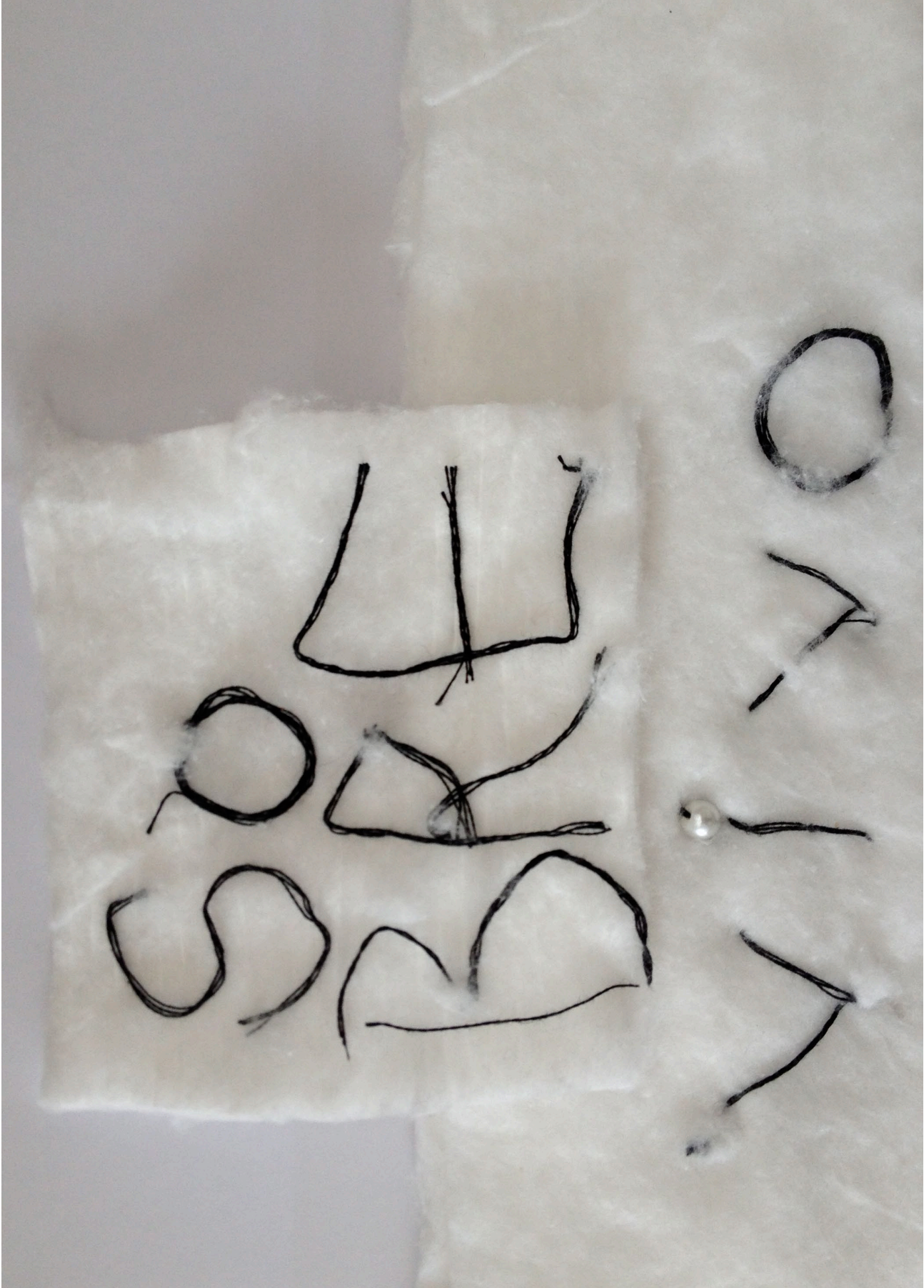
O que seria o essencial, o original, o básico? Ele já não existe e nunca existiu. Talvez a “base” seja cada um e

todos os estados e elementos que nos afetam, que nos atravessam, tudo junto ao mesmo tempo. Viver é criação, é processo. É a homeostase constante, um contínuo ajuste dos mecanismos de regulação. É um vai e vem que se perpetua sem cessar.

A medula óssea é um tecido líquido-gelatinoso que ocupa o interior dos ossos, sendo conhecida popularmente por “tutano”. É a fábrica do sangue, nela são produzidos seus componentes: as hemácias (glóbulos vermelhos), os leucócitos (glóbulos brancos) e as plaquetas. As hemácias transportam o oxigênio dos pulmões para as células de todo o nosso organismo e o gás carbônico das células para os pulmões, a fim de ser expirado. Os leucócitos são os agentes mais importantes do sistema de defesa do nosso organismo e nos defendem das infecções. As plaquetas participam do processo de coagulação do sangue.

O TMO, Transplante de Medula Óssea, é um tipo de tratamento proposto para algumas doenças que afetam as células do sangue, como leucemia e linfoma, entre outras. Consiste na substituição de uma medula óssea doente, ou deficitária, por células normais de medula óssea, com o objetivo de reconstrução de uma nova medula saudável. O transplante pode ser autólogo, quando a medula vem do próprio paciente, ou pode ser alogênico, nesses casos a medula vem de um doador. O transplante pode ser feito a partir de células colhidas por punção da medula de um doador, por células precursoras de medula óssea obtidas do sangue circulante de um doador ou do sangue de cordão umbilical.

Fiz dois transplantes alogênicos e muitas sessões de quimioterapia e radioterapia. O primeiro transplante aconteceu em 2003 com células de sangue de um cordão umbilical (vindas de um banco de sangue de cordão internacional, pois na época o Brasil ainda não tinha seu próprio banco) e o segundo, após a volta da doença em 2006, foi feito com as células da medula de um doador brasileiro localizado pelo REDOME (Registro Nacional de Doadores de Medula Óssea).



Cerca de três meses antes do meu diagnóstico comecei a sentir dores nos joelhos, nas pernas e nas costas. As dores mudavam de lugar. Um dia no joelho esquerdo e outro dia no direito. Passava dois dias com dores nas costas e depois as dores mudavam de lugar. Fui me consultar com um médico. Foram longas conversas para tentar descobrir uma possível causa das dores. Nenhum exame, apenas conversas. Eu, estudante de Psicologia, contava da minha vida, meus estudos, contava sobre meus deliciosos finais de semana com meu namorado e reclamava das dores no corpo. Ele falava sobre a maratona de NY, que ia correr e estava em fase de treino. O médico achou que as dores eram “psicológicas” e quis me dar antidepressivos, apesar de eu afirmar que estava bem com minha vida, que estava muito incomodada com as dores, que pareciam aumentar com o tempo. Foram três meses, algumas consultas, nenhum exame. O médico falou pelo telefone com a psicóloga que me atendia e se desentendeu com ela, que afirmou acreditar que as causas das dores eram orgânicas e que ela não achava que eu tinha que tomar medicamento antidepressivo.

O início do meu tratamento para LLA atrasou três meses e, desnecessariamente, agüentei muitas dores. Após uma noite inteira sem dormir, em um momento em que meu corpo estava endurecido, estava há alguns dias na cama, sem conseguir me movimentar, minha mãe ligou para outro médico e explicou a situação. Este, a quem sou eternamente grata por ter me recebido no pior momento da minha vida e ter indicado meu médico hematologista, disse para eu ir ao hospital naquele instante. E foi assim que cheguei ao mesmo hospital onde ia para as consultas com o médico que queria me dar antidepressivos. Ao chegar, logo foi feito um hemograma, um simples exame de sangue. Neste, constatou-se o exorbitante número de leucócitos, quase 100 mil, enquanto o normal é ter entre 4 e 10 mil. Estava com uma doença aguda e não poderia suportar mais. As dores eram consequência da superlotação de leucócitos, minha medula óssea estava descontrolada. Havia células doentes produzindo sem cessar mais e mais células, uma produção desenfreada.

Ao meu ver, a grande diferença de uma doença aguda e de uma doença crônica é a relação com o tempo. Na doença

aguda o tempo é sempre curto e a morte está perto. Os sintomas são intensos, avassaladores. O corpo é atropelado por um trator. Na doença crônica o corpo é continuamente mastigado, engolido, ruminado, mastigado. Parece que a morte está longe e no auge da exaltação dos sintomas, o que o paciente quer é a aproximação da morte.

O agudo é ácido, pontiagudo, é ímpar, singular, magro, é uma ladeira curta e íngreme. O crônico é gordo, neutro, é par, arredondado, é uma ladeira longa, é plural.

Não morri de LLA, me tratei, me curei dessa doença aguda. Meu tratamento foi longo porque tive algumas recidivas, a doença foi embora e voltou algumas vezes. As sessões de quimioterapia foram inúmeras. As de radioterapia foram quase insuportáveis, o corpo ficou por um fio e quase se rendeu a tamanho peso, quase foi triturado pela agressividade voraz do tratamento.

É curioso e assustador pensar que o primeiro quimioterápico antineoplásico foi desenvolvido a partir do gás mostarda, usado nas duas Guerras Mundiais como arma química. Atualmente, quimioterápicos mais ativos e menos tóxicos encontram-se disponíveis para uso na prática clínica. É preciso considerar os instrumentos bélicos como aliados. Estamos em guerra?

Depois do transplante, veio a esperada e bem vinda Doença do Enxerto Contra o Hospedeiro, que pode ser aguda ou se tornar crônica. Passado um tempo do meu segundo transplante, o GVHD, como é mais conhecido (em inglês Graft Versus Host Disease), se tornou crônico. Lido com os sintomas.

O GVHD ocorre quando as novas células tronco (enxerto) reconhecem os tecidos do corpo (o hospedeiro) como estrangeiros e montam um ataque do sistema imunológico contra eles. Os sintomas são diversos e acontecem com maior ou menor intensidade em cada paciente. Pode ser fatal em alguns casos.

TG:
Antineoplásicos são medicamentos utilizados para destruir células malignas. Estes medicamentos também podem destruir algumas células saudáveis do indivíduo, pois não atuam exclusivamente sobre as células tumorais. As estruturas normais que se renovam constantemente, como a medula óssea, os pelos e a mucosa do tubo digestivo, são também atingidas pela ação dos quimioterápicos. Os efeitos terapêuticos e tóxicos dos quimioterápicos dependem do tempo de exposição e da concentração plasmática da droga. A toxicidade é variável para os diversos tecidos e depende da droga utilizada.

O enxerto quer mostrar que “domina” o ambiente, domina o corpo. É uma batalha constante. Guerra.

Esta é uma doença comum em pessoas que recebem as células de um doador (transplante alogênico), mesmo que haja total compatibilidade. São utilizados medicamentos que suprimem o sistema imunológico para tratar os sintomas de GVHD até que as células do doador não ataquem mais. Por outro lado, é o aparecimento do GVHD que torna visível que as novas células-tronco chegaram e estão povoando o corpo. É como se houvesse uma grande mudança na Direção de uma empresa (corpo). Sendo a medula óssea a fábrica do sangue (é ali que as células-tronco são produzidas), mudando o Diretor, alguns ajustes têm que acontecer.

Recebi a medula de uma pessoa que não conheço, a quem agradeço com todas as minhas forças. Homem que não conheço pessoalmente e conheço intimamente. Meus órgãos se organizam a partir de suas células, meu sangue, antes B+, se tornou A+. Meus tecidos têm novas texturas, minhas vísceras buscam seu reconhecimento. Tudo que sei é que é médico, solidário (acredito que só uma pessoa solidária e altruísta se propõe e realiza tal ação), nascido em Curitiba, na época do meu TMO trabalhava em Campo Grande e tem dez anos a mais que eu.

Minha nova fábrica de sangue produz outro tipo sanguíneo que a antiga, mas tem a mesma origem geográfica que ela. Origem judaica. Sangue de sobrevivente. Sobreviver e agüentar são palavras que fazem parte. Parte fundamental do meu todo. São o meu todo.

TG: O conteúdo da área de medicina deste capítulo foi baseado em informações disponibilizadas nos sites www1.inca.gov.br e www.mndanderson.org (data do acesso aos sites: 15/09/2013)



RESISTIR

“Há mais mistérios na resistência humana do que supõe nossa pequena moral”. Resistir para sobreviver.

Noemi Jaffe:
blog Centro
da Cultura
Judaica

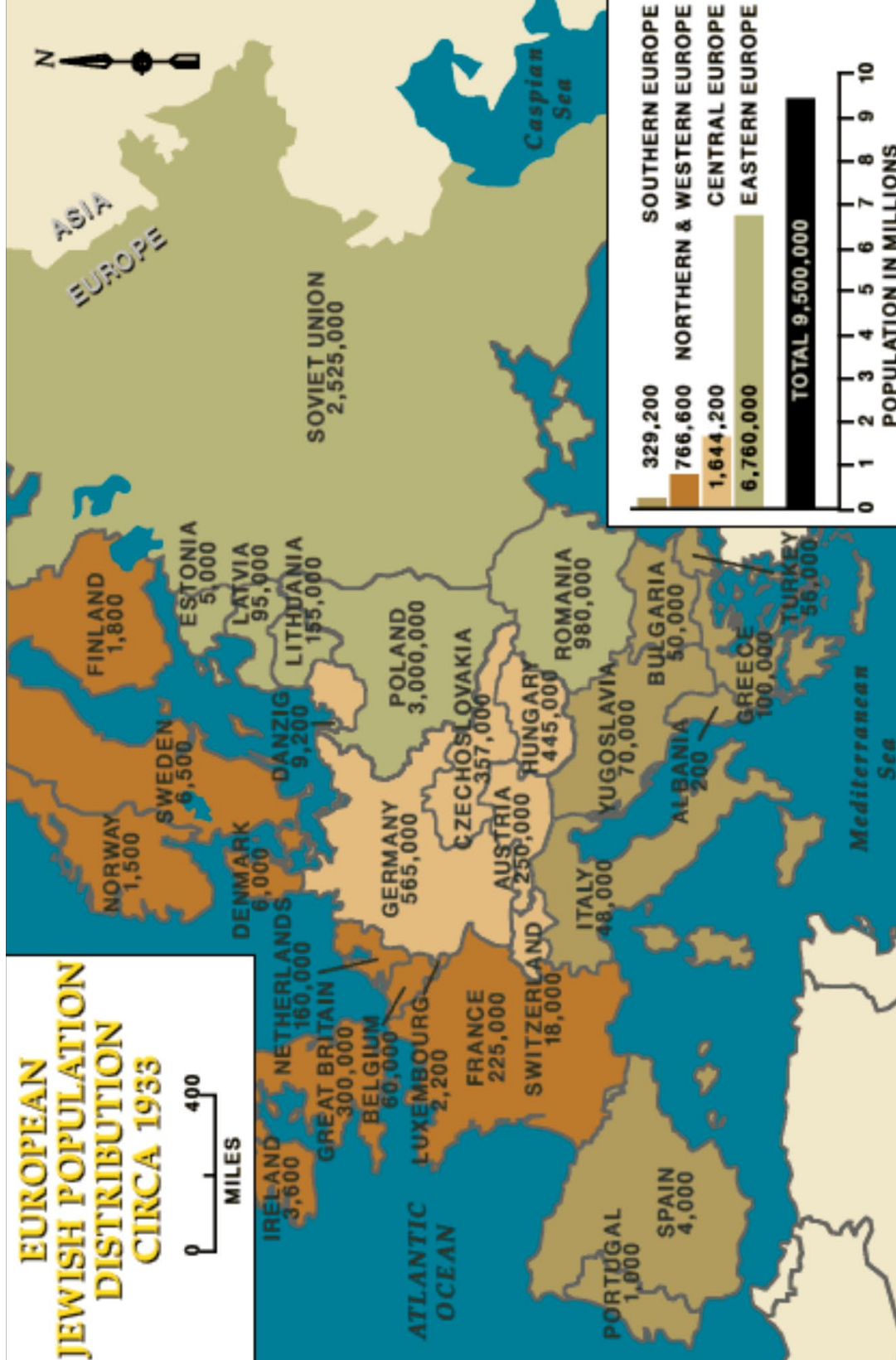
Meu pai e minha mãe são de origem judaica. Meus avós paternos se conheceram no Brasil, cada um veio para este país em uma época e por um motivo. Minha avó da Polônia e meu avô da Letônia. Ambos vieram antes do início das perseguições nazistas na Europa.

Já meus avós maternos, ambos da Letônia, se conheceram e casaram no leste europeu e viveram condições mais adversas na imigração para o Brasil. Esta não foi uma escolha, foi um ato de resistência. Resistir como um seguir adiante para *um possível*! Um possível lugar, uma possível condição.

Os pais da minha mãe chegaram no Brasil em 1942. Um possível era seguir, sair da Europa que, antes mesmo de 1939 já estava sendo contaminada pelas anúncias nazistas. Relatos de pessoas que viveram este período da história descrevem que a reverberação da voz de Adolf Hitler ainda não causava tanta movimentação no povo hebreu. Ouvia-se falar sobre, mas a maioria das pessoas não acreditava que a devastação seria tamanha e que os nazistas perseguiriam os judeus (e também os não judeus que “não estavam de acordo” com o que almejavam) em cada canto do continente europeu. Toda minha família materna – bisavós, tios e primos, não acreditou e ficou em seu lugar de origem até a chegada dos nazistas. Ninguém sobreviveu.

Os planejamentos dos mapas da morte de milhões de pessoas estavam sendo, meticulosamente, estudados e desenhados para que a “raça pura”, almejada por Hitler e seus seguidores, pudesse reinar no continente europeu e, quiçá, no mundo inteiro.

Sair da Europa era *uma* possibilidade. A outra, ficar, também era resistir. No mesmo texto, Jaffe escreve sobre a



resistência dos judeus em “marchar obediamente” para as câmaras de gás nos campos de concentração, quando poderiam ter se revoltado. Discorre sobre uma “resistência inesperada e difusa” que encontramos ao chegar ao fundo. “O lodo, as calosidades, a escuridão, o momento em que é preciso transformar o material em linguagem; o momento em que o material se torna obscuro e misterioso. Penso que essa resistência os prisioneiros ofereceram e oferecem até hoje. No fundo de sua submissão, está o impenetravelmente humano. Seu segredo que, com a morte, nenhum nazista pode penetrar. Ninguém. Nem nós.” Seguir, resistir. Durar, viver.

Noemi Jaffe:
blog Centro
da Cultura
Judaica

Jaffe usa a expressão “resistência absurda” ao fazer uma correlação ao que Albert Camus escreveu referente ao mito de Sísifo e o “absurdo”. No mito, Sísifo fora condenado a executar a seguinte tarefa: carregar uma pedra até o alto da montanha e, atingido o topo, deixar a pedra rolar para depois começar tudo de novo. Jaffe propõe “que a aparente submissão dos condenados às câmaras de gás era – foi – uma forma de eles se mostrarem fortes, humanos, quando tudo se configurava para provar que eram menos que humanos, menos que animais.” (...) “O gesto que acolhe o absurdo, que o denuncia, que dá ao inimigo - mesmo sem que ele o saiba – a medida do mal e da crueldade.”

Noemi Jaffe:
blog Centro
da Cultura
Judaica

Somos todos sobreviventes e resistentes de guerras, de vida, de morte.

Acredito ser de suma importância lutar contra a cristalização das formas do viver e considerar a permeabilidade do estar, do ficar e se mover na não base. Ser movediço. Lutar contra o fundamento se torna visceral, resistir àquele fundamento irremovível, que paralisa, que é estagnado, que estagna, estrangula. Ser errante, errar e deixar a vida se desdobrar e dobrar e embolar e esticar, vibrar, flutuar, correr, pulsar e deixar a vida viva viver. Esquivar-se de tudo aquilo que amarra implica em deixar a frouxidão ganhar espaço, se dilatar.

O sem fundamento faz surgir o sem fundo, mas não que isso não tenha profundidade. Até pode também ser o contrário, é nesse sem fundo que o homem-escafandro não chega, que o tão escuro já é claro e que emergir à

superfície pode ser a escuridão. É na resistência ao fundamento que o sem fundo emerge. E nesse paradoxo constante, no batimento pulsante alguma coisa acontece.

“O sofrimento, grande e vagaroso sofrimento que demora seu tempo e nos faz cozer como sob lenha verde, nos obriga – a nós filósofos – a descer até a última dobra de nossas profundidades, a recusar confianças, bonomias, véus, suavidades e meios-termos nos quais colocávamos talvez, até então, nossa humanidade. Não acredito que tal sofrimento nos faça “melhores” ...mais sei que nos torna mais profundos.” E agudos.

Friedrich W.
Nietzsche
p.13

Na vulnerabilidade do estar vivo a resistência se dá. Ser vulnerável é estar vivo. E estar vivo é resistir. É conquistado um novo olhar, um olhar que, de algum modo transforma e cria outras possibilidades de ver e viver a vida. Talvez um olhar que ouça, uma audição que veja e que sinta gostos. Um paladar visual e um tato auditivo. Tudo se mistura e se aguçá, o corpo camaleão pulsa e caminha firme em sua delicadeza, com a alternância de sua paleta infinita de tons.

Ao pensar a resistência, há uma certa altivez que se faz presente, uma dignidade do humano. Falo aqui da noção mais sutil de resistência, à qual Jaffe se refere em seu breve texto. Pode parecer contraditório, mas me parece que nos momentos de maior vulnerabilidade é que a resistência insiste na sua presença, insiste em durar. David Lapoujade escreve que “Cair, ficar deitado, bambolear, rastejar são atos de resistência.” É o fluxo resistente, a “resistência absurda”. Como o caminhar dos prisioneiros nos campos de concentração nazista rumo às câmaras de gás. O deixar-se ir. Pelbart faz referência a Bartleby, o copista de Melville e escreve sobre a “resistência passiva” que enlouquece o advogado da história, “Impossível ‘intimidar a sua imobilidade’.” Ou, impossível intimidar o caminhar rumo à morte.

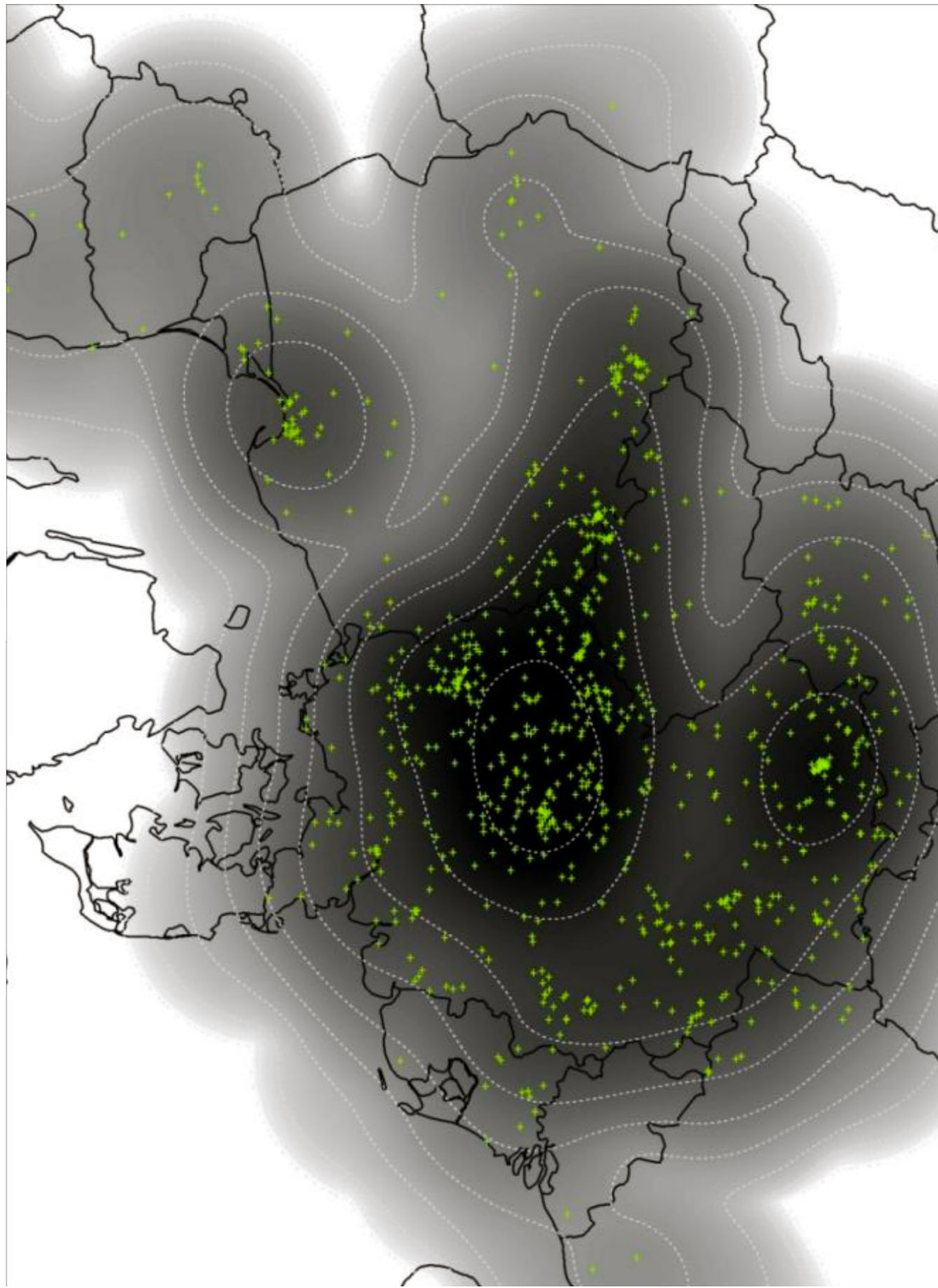
Peter Pál
Pelbart
p.43

David
Lapoujade
p.89

“É onde o atrito com o mundo parece tão doído quanto necessário, quase uma prova de existência. Aparece assim a relação intrínseca entre resistir e existir no seio de um corpo debilitado.” Uma relação que talvez “deixe entrever no

Peter Pál
Pelbart p.48





corpo uma *força de existir face ao sofrimento*. Ou seja, mesmo ao defender-se das feridas mais grosseiras, ele se abre para acolher a variedade das afecções sutis.”

Abrir-se à gama de variedades que se apresentam, implica no desarmamento e na desmontagem do corpo. Expor-se a um desconhecido não é um gesto de reconhecimento e sim de descoberta, abertura e transformação.

“Como o nota Barbara Stiegler num notável estudo sobre Nietzsche, para ele todo sujeito vivo é primeiramente um sujeito *afetado*, um corpo que sofre de suas afecções, de seus encontros, da alteridade que o atinge, da multidão de estímulos e excitações, que cabe a ele selecionar, evitar, escolher, acolher...”⁹”

Peter Pál
Pelbart
p.45

O corpo é atravessado por intensidades e fluxos que deslizam nas mais diversas direções, tudo escorre por todos os lados. É parte de um processo, nada é isolado. E nesse processo, o corpo pode pensar/sentir/perceber que suas antigas formas e fôrmas estavam endurecidas, enferrujadas e carcomidas. E, como uma cobra que troca sua casca - em seu ritmo (que, muitas vezes, é o ritmo dos atravessamentos) – o corpo troca suas cascas e abre possibilidades para que outras camadas sejam expostas e transformadas pela ação do tempo. E a casca permanece no lugar em que foi deixada, intacta, na forma de cobra/corpo velho, fará parte de algum outro processo. O **movimento** do corpo está em alhures.



SOBREVIVER

“Raspas e restos me interessam”, canta Cazuza e penso eu. Me interessa o que sobra, aquilo que escapa, o que sobrevive. Sou sobrevivente da vida. Quem não é?

No dicionário Houaiss da língua portuguesa, um dos sinônimos da palavra “sobreviver” é “escapar”. “Resistir” também é sinônimo.

Sempre tive a impressão que sobrevivente é aquele que ganha um bônus um extra de vida. Alguém que ganha um prazo a mais. Somos todos nós, seres humanos vivos, sobreviventes.

Em *Uma aprendizagem ou o Livro dos prazeres*, Clarice Lispector escreve: “Uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra pra frente.”

Clarice
Lispector
p. 26

Vivemos “apesar de”, por isso somos sobreviventes. Só é possível viver com todos os “apesares de” que se apresentam e, que no geral, pesam toneladas. Guerras fazem parte, muitas batalhas são enfrentadas no contínuo do viver. Destroços das revoluções são atirados por todos os lados, juntar estas sobras, o que escapa, é o que interessa e compõe a argamassa do viver.

A construção do viver se dá, como na letra de Chico Buarque, “Tijolo com tijolo num desenho mágico”, a argamassa feita de todas estas “raspas e restos” leva a humanidade ao encontro de “olhos embotados de cimento e lágrima”.

O cimento é mole e se molda, mas endurece. A lágrima brota de dentro do corpo, é molhada, úmida. Ao sair seca.







Antagonismos que fazem parte. Ambigüidade movente.

No jantar de Pessach, festa que celebra a saída dos judeus do Egito, na época em que foram escravizados, são colocados à mesa alguns alimentos que simbolizam a passagem pelo deserto rumo à “Terra Prometida”. Um desses alimentos, o ovo cozido, lembra a destruição dos Templos (é costume os enlutados comerem ovo na primeira refeição após o falecimento do ente querido, um dos significados é que os ovos não têm abertura e a pessoa que está de luto é incapaz de falar). Ao mesmo tempo, por ter forma oval e dar voltas sobre si mesmo, representa o ciclo da vida, a roda, marcando não apenas o que aconteceu de ruim, mas, por estar sempre em movimento, traz também o novo, a esperança. Vida dá voltas. Vida tem amargo e tem doce. Vida tem vivo e morto.

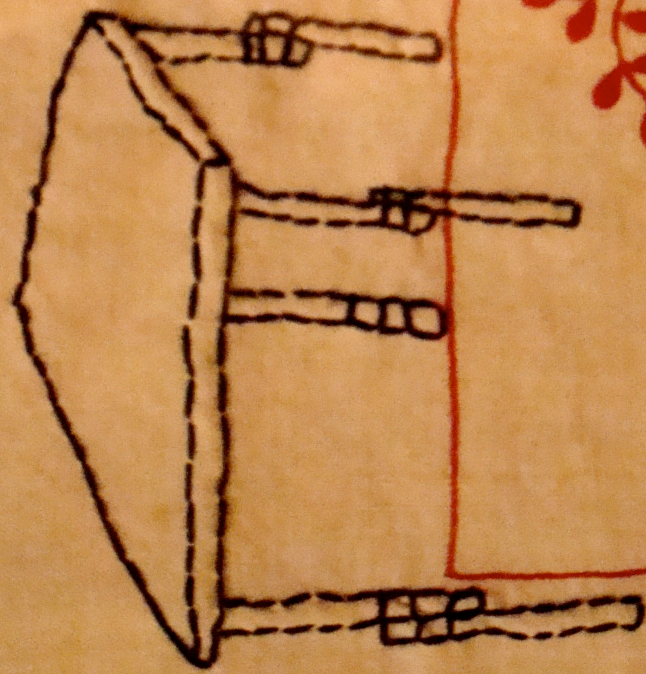
É disso que trata a criação. Um sopro de mistura, sem se misturar, mas com todos seus elementos presentes ao mesmo tempo. Um acervo de contradições que se complementam. No escape, nas voltas do viver, antes de escapar está a criação.

Em entrevista a Lisette Lagnado, o artista José Leonilson (1957-1993), comenta a condição fundamental do “precário” em sua obra. O que bambeia é a base, o que sustenta. “É. Acho que um marceneiro nunca aceitaria fazer esse trabalho. Como tem idéias mais rígidas que as minhas, ele modificaria o projeto para a peça ficar certinha e não ficar bamba. Mas eu quero que a coisa fique bamba. Uma das características do meu trabalho é a ambigüidade.”

Lisette
Lagnado
p.116

Ao pensar o precário não como uma insuficiência, como um fracasso, mas sim como constitutivo do processo, não se busca um desfecho final, uma solução, mas sim algo permanente e constantemente bamba e movente, que range, estrala, vibra, pulsa, pipoca, trinca, freme, treme e é desparafusadamente frouxo.

A potência da fragilidade. Fino fio que liga e costura o processo de criação. Um corpo fiapo que se mal se move, pode



NO BOMBS

NO CASTLES ON SAND

NO DRUMS

IT'S ON ME

mover montanhas enquanto um “corpo atlético” que, aos olhos de alguns, é considerado forte e vigoroso pode ser tão armado e endurecido que não sai do lugar, é fixo.

“Assim, o estatuto do corpo aparece como indissociável de uma fragilidade, de uma dor, até mesmo de uma certa ‘passividade’, condições para uma afirmação vital de outra ordem.”

Peter Pál
Pelbart
p. 47

A vida do sobrevivente é repleta de ambiguidades e paradoxos. E só assim pode ser. A vida como potência de criação. A questão da ambiguidade está presente em toda a obra de Leonilson. O próprio artista declara: “Eu sou ambíguo, completamente. Os trabalhos são todos ambíguos. Eles não entregam uma verdade diretamente, mas mostram uma visão aberta”. A poética de seu trabalho é pessoal e também geral.

Lagnado
p. 128

No livro de Noemi Jaffe *O que os cegos estão sonhando?: com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945)*, em muitos momentos, Lili descreve a sorte que ela e as primas tiveram por diversas conquistas em meio aos horrores do campo de concentração de Auschwitz. Em uma passagem do diário, escreveu: “(...) comemos como se fosse a refeição mais deliciosa.”

Noemi Jaffe
p. 19

O vivo e o que sobrevive “apesar de” é o que movimenta e faz a vida pulsar. Primo Levi, também escreveu sobre ter sorte em Auschwitz: “É estranho: de alguma maneira, sempre tem-se a impressão de ter sorte: de que alguma circunstância, ainda que insignificante, nos segure à beira do desespero, nos permita viver.”

Primo Levi:
É isto (...)?
p. 133

A fragilidade, a vida, está na berlinda entre o estardalhaço agudo, fino, ímpar e o caminhar crônico, pesado, arrastado. Seria a fragilidade o equilíbrio? Equilíbrio ambíguo? Isso é possível? Seria a homeostase da fragilidade, a homeostase da vida. Mas o que se busca não é o equilíbrio e nem o entre e nem um e nem outro. O que se busca é a busca, a busca que escapa, que foge à regra, que é imprevisível, que surpreende, que amarra e que solta as palavras e o corpo.

A arte é exceção à regra. O sobrevivente é exceção também. No filme *Je vous salue Sarajevo*, de Jean-Luc Godard, o narrador diz que todos falam a regra e que ninguém fala a exceção. A arte é a exceção e ela não é falada, é escrita em literatura, composta por músicos, pintada, filmada ou vivida.

<http://www.youtube.com>

Viver a fragilidade é ouvir os sons dessas linhas que se desmancham e escapam e (re)tecem continuamente as teias, possibilitando outros modos de existir, de sobreviver. É a partir da matéria que escorre e se dissolve que novas saídas são inventadas, novas linhas são costuradas e descosturadas. Saídas inusitadas e inesperadas, atravessadas por todo o tipo de forças que vêm pelas mais diversas direções. Isso põe em cheque todas nossas convicções e, a sensação do precário e que tudo está por um triz, cria um complexo conjunto de linhas que desarticula e desprograma nossos instrumentos de navegação habituais, criando novos campos e possibilidades. Campos menos precisos, mais soltos, vulneráveis, porosos, menos ordenados. E algo é conquistado, uma movência. Que potência há aí?

“O ‘eu não agüento mais’ não é, portanto, o signo de uma fraqueza da potência, mas exprime, ao contrário, a *potência de resistir do corpo*.”

David
Lapoujade
p.89

O corpo frágil, que se dissolve, se desintegra, se integra, que submerge e emerge é o corpo potente. “Como tem ele tem a força de estar à altura de sua fraqueza, ao invés de permanecer na fraqueza de cultivar apenas a força? É assim que Lapoujade define esse paradoxo: ‘como estar à altura do protoplasma ou do embrião, estar à altura de seu cansaço ao invés de ultrapassá-lo em um endurecimento voluntarista...?’”

Peter Pál
Pelbart
p.46

Para criar um corpo potente, capaz de abrir caminhos para outros nascimentos, para nascer a todo momento, quer descobrir aquilo que não está dado e inventar outros modos de existir, é bem vindo “largar a casca” daquele corpo caduco e funcional. Uma vez incorporado de potências e idéias, o corpo extrapola para o coletivo e vive as intensidades, os riscos, arrisca-se na fluxibilidade, na infixeiz, se movimenta.

SITUAÇÕES LIMITE

“(…) também nós somos ofuscados pelo poder, de bom grado ou não, esquecendo que no gueto estamos todos, que o gueto está cercado, que além de seu perímetro estão os senhores da morte, e que não muito distante espera o trem”.

Primo
Levi: Os
afogados
(...) p.38

Ao falar de situação limite, estamos falando de fronteiras, de limbo, orla, borda, pele, contorno, cercas, muros, circuitos, extremidades, balizas, comportas, grades.

Há muitos tipos de limite e talvez podemos pensar que todos eles podem ser - de alguma forma - furados, invadidos.

Penso que é isso que acontece em uma situação extrema, seja ela qual for, situação limite em que os envolvidos são obrigados a abrir suas comportas e deixar vaziar para onde for, como for. E a partir do(s) vazamento(s) é que se alcança a dimensão do ocorrido e nada pode ser previsto ou controlado, pois já não há mais bordas para segurar o fluxo cada vez mais intenso.

Porque “no gueto estamos todos” e talvez viver seja fazer e deixar-se fazer “perfurações” nos muros, vaziar e desenhar outros contornos.

Christopher Hitchens descreve o momento em que seu corpo quase colapsou, pouco antes de descobrir que tinha câncer: “repassando a cena, vejo como uma deportação gentil e firme, me levando do país dos saudáveis através da fronteira desolada que leva à terra da doença.” E, sobre a “Tumoriândia”, acrescenta: “a cozinha é pior do que qualquer outro destino que já visitei. O país tem idioma próprio – uma língua franca que consegue ser ao mesmo tempo insensível e difícil (...)”.

Christopher
Hitchens
p.17

Christopher
Hitchens
p.18







“Ou se enlouquece no primeiro dia, ou então se acostuma”. Ou ambos, se enlouquece e se acostuma. Talvez a situação limite contenha em si aberturas para a coexistência do enlouquecimento e do hábito, do ficar louco e acostumar-se. Questionar o absurdo e se aproximar dele, “simpatizar”, “ficar amigo” do absurdo, transformar o imponderável em negociável, estar dentro e fora.

“Preciso sair desse limbo dos pré-mortos para onde vou sendo empurrado, o que vai me matar não é a doença, é a rede que está se fechando em volta de mim, os doentes da sala de espera, os conselhos amigos, os corredores dos serviços públicos, o médico de quem desconfio e que não dá a mínima pela ligeira dor de cabeça que sinto de uns dias para cá.”

No limite agudo, na ponta da ponta, “A vida está na berlinda. Mais precisamente o que está na berlinda é a potência da vida enquanto força de invenção, aquilo que é suscitado quando se produz um certo tipo de paradoxo entre dois planos da subjetividade: de um lado, visível, o mapa das formas de vida vigentes; de outro lado, invisível, o diagrama flexível das sensações que percorrem o corpo por sua imersão na infinidade variável de fluxos de que são feitos os meios em que vivemos. O paradoxo acontece quando a mudança no diagrama intensivo atinge um certo limiar, a partir do qual inviabiliza-se sua figuração através das formas de existência atuais.”

“Não consigo fazê-lo entender como é interessante esta na *borderline*.”

Estar na *borderline* e viver a instabilidade de múltiplos estados limítrofes pode ser interessante por provocar, instigar e criar outros fluxos. Quando limites são ultrapassados e algumas fronteiras se dissolvem, o corpo vem e vai e vem e vai. A circulação é livre e presa, flui e estanca. Novas linhas são desenhadas e logo apagadas, linhas moventes criando novas cartografias do corpo.

Mas antes de tudo, é preciso sobreviver a estes estados.

Primo Levi escreve sobre uma experiência em que “é indiscutível que se trata de morte da alma; ora, ninguém pode saber por quanto tempo, e a quais provas, sua alma sua resistirá antes de dobrar-se ou de quebrar.”

Primo Levi:
Os afogados
(...) p.39

A morte pode acontecer, mas o nascimento em vida também. A dobra pode se dar, a quebra também e, ainda assim, isso pode ser interessante. Talvez só assim seja interessante. Pieguices e clichês à parte, a flor de lótus nasce da lama e fênix renasce de suas cinzas. Vida morta, vida viva, vida morte, morte viva.

“Todo ser humano possui uma reserva de forças cuja medida lhe é desconhecida: pode ser grande, pequena ou nula, e só a adversidade extrema permite avaliá-la.”

Primo Levi:
Os afogados
(...) p.32

Pessoas falam “no seu lugar eu não agüentaria, não resistiria”. Não é possível saber de antemão. Só é possível afirmar que a potência da fragilidade existe e resiste.

Mas, diferente do que, muitas vezes, é estereotipado, não existe “o alívio”, ou “a alegria” pós trauma. Talvez o que existem são alívios e alegrias, que podem acontecer ou não, durante e/ou depois da experiência traumática.

“Naquele momento quando voltávamos a nos sentir homens, ou seja responsáveis, retornavam as angústias dos homens: a angústia da família dispersa, ou perda; da dor universal ao redor; do próprio cansaço que parecia definitivo, não mais remediável; da vida a ser recomeçada em meio às ruínas, muitas vezes só”. Não ‘prazer, filho da aflição’: aflição, filha da aflição.”

Primo Levi:
Os afogados
(...) p.32

“(…) e para muitos outros sobreviventes “afortunados”, o *Lager* foi uma universidade; ensinou-nos a olhar em redor e a medir os homens.”

Primo Levi: *Os afogados* (...) p.86 / Lager = campos de concentração

Penso que todo processo é uma aprendizagem, ter ficado doente me ensinou e me ensina muito. Mais do que isso, me forma e me deforma, desconstrói todas as formas e abre possibilidades. Na hora do sofrimento extremo, da dor aguda, não é possível pensar isso. Nas piores horas, nos momentos “fios de navalha” a situação não é desejada nem para seu pior inimigo, na verdade nesses momentos não há desejo.

Compartilho o pensamento de Nietzsche que afirma: “Que se não me escape o essencial, como conclusão: dos abismos, graves doenças e mesmo da grande suspeita, regressa-se regenerado, pele nova, mais vencível e maldoso que nunca, com gosto mais apurado e sutil para a alegria, língua mais sensível para as coisas boas, espírito mais alegre, com uma segunda inocência – mais perigosa – na alegria; regressa-se mais infantil do que nunca, e ao mesmo tempo mais refinado.”

Nietzsche
p.13

Passar por um trauma é oscilar entre extremos de humanidade e desumanidade. E depois, nada será como antes. Amanhã? O lema do paciente impaciente que tem uma doença grave é similar ao dos participantes do AA (Alcoólicos Anônimos): vivo por mais 24 horas, um dia depois do outro.

Jean-Claude Bernardet escreveu que não é mais o mesmo, “(...) o mesmo indivíduo de antes só que agora doente, a doença criou um novo indivíduo ou criei um novo indivíduo pela doença. Uma vibratilidade nova torna tudo mais agudo.”

Jean-Claude
Bernardet
p.27

“Ainda lhe é possível amar a vida; só o modo de amar é que se torna distinto”

Nietzsche
p.13

Muitas vezes penso e falo que agradeço por ter ficado doente. As pessoas que ouvem acham que fiquei louca e consideram tal pensamento uma injúria. Compartilho o pensamento de que “A doença é uma fonte de energia. A doença não é uma fonte de energia, fonte de energia é o enfrentamento da doença.”

Jean-Claude
Bernardet
p.35





No processo, no enfrentamento, na resistência e desistência do corpo, no amassamento e esfarelamento das vísceras e dos pensamentos, na mixagem de tudo, tirando e pondo, a vida surge de outra(s) forma(s). E isso pode ser uma fonte de energia.

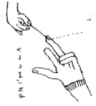
As imagens do “herói” e da “guerra” são frequentemente associadas aos sobreviventes, às pessoas que passaram por um trauma. É comum ouvir ou ler que os sobreviventes de situações adversas foram “corajosos” e que “enfrentaram”, “guerrilharam contra”, também quando o enfrentamento se deu no ficar quieto e deixar acontecer, quando o “combate” se deu sem armaduras e quando as lanças não tinham pontas. Não deixa de ser um modo de enfrentar, um modo corajoso, mas não um modo gladiatório. Usualmente é falado que as pessoas “lutam contra” o câncer ou “batalham” para “vencer” a doença, que é preciso “golpear o inimigo”. Ou “que pena, a doença o derrotou”.

No imaginário daqueles que vêem as pessoas que viveram ou vivem na total adversidade mundana, a imagem do herói se faz presente. Todavia, nós, “os iniciados” (para fazer referência à Nietzsche), não nos vemos como heróis e nem guerreiros. Sim, “temos muito mais experiência, seriedade, alegria, queimaduras, profundidades...” Podemos até pensar que passamos por batalhas, mas não somos heróis.

Nietzsche
p. 14

Talvez se pensarmos em um outro tipo de herói, não “o tradicional”, aquele que detém todas as forças, que já vem pronto, alimentado, que vem “sob medida” e ganha todas as guerras. Passar por uma doença é duro de agüentar e quando se agüenta, todas as possíveis forças se esvaem, se vão. Não em vão. O vivo, o vital (ou o que sobra dele) é totalmente voltado para o que está sendo vivenciado por aquele corpo que quase não agüenta seu próprio peso.

Leonilson fez, em 1992, uma série de sete desenhos intitulada O Perigoso. As imagens evidenciam uma existência que se reconhece por um fio. É o corpo-fiapo falando. É o corpo que está por um triz, mas ainda está.



Os desenhos se referem a um ambiente hospitalar e, na primeira imagem da série, o artista registrou o título logo abaixo de onde deixou pingar uma gota de seu sangue. Sangue de perigoso, sangue que contamina. “Eu sou uma pessoa perigosa no mundo. (...) Eu tenho uma coisa dentro de mim que me torna perigoso.” “O perigoso em questão, ambigüidade cruel, é um sujeito desfalecente, de existência tênue: está sendo consumido por dificuldades respiratórias e uma incontinência crônica.”

Lagnado
p.123

E quando “tudo acaba”, “passada a tormenta”, como já foi escrito no presente trabalho, nada acaba, nada termina, nada continua, já não somos quem éramos e por alguns muitos momentos “a aflição é filha da aflição”, a tormenta é outra, ainda assim é tormenta. O limpo, o inferno, o inverno continuam constituintes do processo. Só que agora é diferente. Isso sempre pode ser dito, sempre, e desde sempre, o agora é diferente.

Lagnado
p.54

No momento crítico, pontiagudo, espetante não há nada de heróico, só há dor. Ironizando sua própria situação de paciente Christopher Hitchens escreve que adora “o imaginário da luta” e que “gostaria de sofrer por uma boa causa”, mas “ao sentar numa sala com um grupo de outros finalistas, quando pessoas gentis ligam uma enorme bolsa transparente de veneno ao seu braço, quando você lê ou não lê um livro enquanto o saco de veneno gradualmente se esvazia em seu sistema circulatório, a imagem do soldado ou do revolucionário heróico é a última coisa que lhe ocorre. Você se sente atolado em passividade e fraqueza: dissolvendo-se em impotência como um cubo de açúcar na água.”

Christopher
Hitchens
p.21

Talvez possamos pensar que ao sair da zona de conforto, ao mergulhar no mundo, ao viver o vivo, estamos todos no “limiar vital a partir do qual todos os lotes repartidos, pelos deuses ou homens, giram em falso e derrapam, perdem a pregnância, já não ‘pegam’ no corpo, permitindo-lhe redistribuições de afecto as mais inusitadas.”

Peter Pál
Pelbart
p.50

O que surge?

CORPO COLAPSADO CRIADOR
SÓ UM CORPO VIVO SOBREVIVE



CORPO FIAPO SE DESFIA E CRIA DESAFIOS

O corpo colapsado, frágil, inacabado, parte de um mundo de forças vorazes que se apresentam a todo instante, busca a sobrevivência. Este corpo tem a potência de estar vivo, pulsante. A mesma potência tem de afundar. Mesmo em momentos “fiapo”, em que o corpo está por um fio e que apenas músculos involuntários se movem, a costura pode ser feita e novos tecidos podem ser criados. Fio a fio a fio a fio, tempos a fiar.

Este corpo detonado, “em suma, um feixe de ossos”, exposto a todo o tipo de exaustos, encontra saídas e entradas de diferentes potências. Não há economia, é só excesso transbordante. Este corpo que quase afunda, mas continua a navegar, mesmo com a água entrando por todos os poros e formando crateras, segue seu rumo. Rumo desconhecido, alternante, oscilante, que balança. Rumo que se move e provoca arrepios e enjôos. Rumo que abala continuamente, não dá trégua.

“Pensemos na fragilidade desses corpos, próximos do inumano, em posturas que tangenciam a morte, e que no entanto encarnam uma estranha obstinação, uma recusa inabalável.”

Peter Pál
Pelbart
p.46

A artista Louise Bourgeois escreveu e falou diversas vezes “Art is a guaranty of sanity”. Em uma livre tradução e tomando como referência a própria vida da artista (e também de outros criadores), traduzo esta frase como “Arte é garantia de sobrevivência”. Louise falou da garantia da sanidade/saúde mental, mas entendo que também fala de garantir o vivo, o vital que rui, que movimenta territórios, que costura sem amarrar, que está permanentemente se modificando, que está no corpo, que está no todo e em cada um. Talvez seja esta a única garantia em que eu acredito.

Peter Pál
Pelbart p.42.
TG: Este
termo usado
pelo autor me
lembrou a cena
descrita por
Gabriel Garcia
Marques em
Cem anos
de solidão,
quando
a menina
Rebeca chega
com um saco
contendo
os ossos de
seus pais.
Devido aos
tratamentos
de saúde e a
minha própria
constituição
física, tenho
um corpo
muito magro,
com ossos
proeminentes
e me identifico
com o termo.

ART
is
A
GUARANTY
OF
SANITY

LB

Um corpo vivo é um corpo abalado, que enfrenta embates de todos os tipos e são seus líquidos, vísceras, afetos e afecções de toda ordem que movimentam e convocam seu saber para seguir navegando. É o abalo que movimenta, que provoca o balanço, o ir adiante.

O seguir navegando nunca é calmo, pois só é possível fazê-lo se este processo, este redesenho contínuo permitir o surgimento de outros fluxos. Novos fluxos só irão surgir quando o corpo se sentir apertado, já não agüentar o antigo, não couber mais em si e desejar inventar novas maneiras de viver.

Esta contínua desconstrução e construção cria um campo de forças que vibra. Este corpo é crônico e agudo. Pinica e tem maciez. É ácido e suave. Borbulhante, mas também seco e árido. No plasma das idéias, dialéticas e paradoxos se encontram, se debatem e navegam. “Para continuar a ser afetado, mais e melhor, o sujeito precisa ficar atento às excitações que o afetam, e filtrá-las, rejeitando aquelas que o ameaçam em demasia.”

Peter Pál
Pelbart
p.46

Em seu texto sobre Louise Bourgeois para a XXIII Bienal de São Paulo, Paulo Herkenhoff escreveu que a artista trata de polaridades e extremos como paixão e razão. “Tenho que destruir e reconstruir, destruir de novo. Nisso encontro uma presença estabilizadora.” Assim, segundo Herkenhoff, Bourgeois remete-nos ao pensamento de Nietzsche. “Muita gente permanece sã porque equilibra Apolo e Dionísio. Eles devem conviver. O equilíbrio entre ontem e hoje, porque o presente me escapa.”

Louise
Bourgeois

O corpo frágil que busca, em cada movimento, nascer e nascer e nascer, convoca o corpo criador. O corpo criador é o corpo colapsado. E só assim pode ser.

Junto com Deleuze, que escreve sobre a literatura e a vida, penso na arte e a vida – esta relação que vem sendo afirmada e explorada por críticos e artistas desde as vanguardas do final do séc. XIX. “A literatura aparece então





como um empreendimento de saúde: não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro (...), mas ele goza de uma frágil saúde irresistível, que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespíráveis, cuja passagem o esgota, dando contudo devires que uma gorda saúde dominante tornaria impossíveis.”

Gilles
Deleuze
p.13

No filme “Pina” dirigido por Wim Wenders, uma bailarina conta que uma das poucas coisas que Pina Bausch lhe disse diretamente foi que sua força estava em sua própria fragilidade.

Assim como na dança desta coreógrafa, para certos corpos vivos acontecerem, esta fragilidade deve ser mantida. Tais paradoxos - entrega e resistência, força e fragilidade, entre outros - convocam a bomba visceral, a pulsão vital. Assim nasce o vivo, assim nasce a arte.

Nas viscosidades do pensamento movente, o corpo se faz.

Este corpo provisório e precário busca tapar seus buracos e rombos para continuar navegando. Há diversas maneiras de lidar com estes machucados: as ataduras precisam ser eficientes, mas não sufocantes. É importante que haja frestas para o escape, para o transbordamento. São sutilezas imprecisas e sem regras. Um balde de cimento pode não ser suficiente para consertar um furinho, enquanto um chiclete mastigado pode tapar vazamentos de maiores proporções.

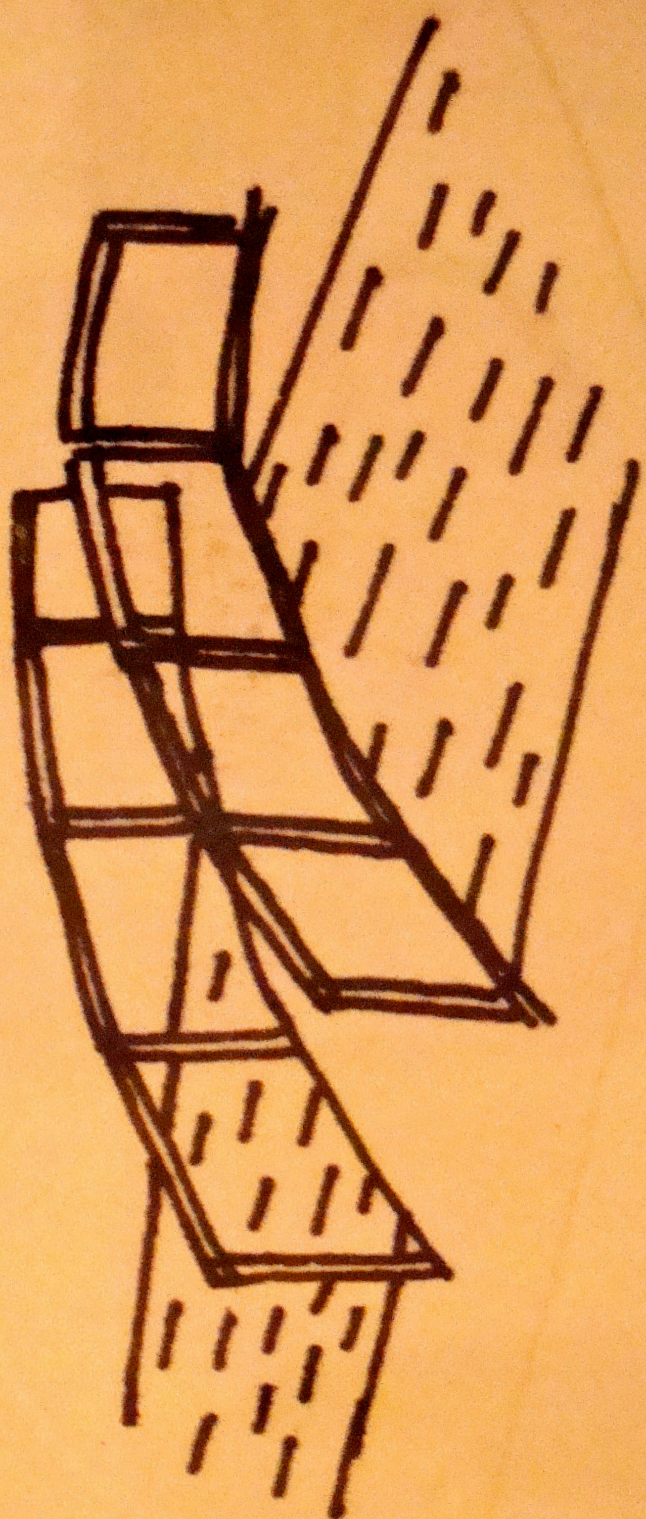
Atenção à proporção! Uma super dosagem pode causar males maiores, grandes demais, provocando o naufrágio vital.

Um corpo que pesa toneladas, que só existe no seu pesar, que não consegue se mover, se alimentar, também corre

grande risco de vida. Olhos que não vêem, nada a escutar ou sentir, além da dor de dentro. O fora está ali para quê? Qual o intuito de existir?

Se este peso for grande demais o corpo vai indicar o limite, este esgotamento. Silenciar nossos ruídos pode provocar o afundamento. Um grito de alerta pode salvar, trazendo à tona o vital que estava soterrado.





ROSA-DOS-VENTOS

“Os objetivos de vida são a defesa ótima contra a morte: não só no Lager.”

Primo
Levi: Os
afogados
(...) p.90

Esboçar planos, traçar linhas, visionar rumos, por mais provisórios e capengas que sejam, pode ser salutar e vital. Objetivos que não aniquilem o sofrer, portanto, que não aniquilem o ser, são importantes aliados. O não abafamento do sofrer é condição primeira para que movimentos e novos deslocamentos possam acontecer.

“Todo problema consiste em encontrar uma saúde no sofrimento: ser sensível ao sofrimento do corpo sem adoecer. Parece-me a mesma questão em Nietzsche e Deleuze: que o sofrimento não seja mais uma doença , que ele se torne um meio para a saúde (não médica) e para a salvação (não-teológica).”

David
Lapoujade
p.86

A direção pode ser incerta e até incluir um certo caos, mas não se pode perder de vista o corpo, o que passa pelo corpo. Muitas vezes, desenhar alvos pode ajudar a nutrir o vivo e ser um caminho para não afundar e definir a ponto de se esvaecer e sumir do mapa.

Sobre ter um desafio na vida, durante o processo da doença, Jean-Claude Bernardet escreve: “Essas dificuldades, que preferiria não existissem, são positivas, pois, intuo, tornam o filme um desafio. Este desafio me faz viver, não digo sobreviver, me faz viver.”

Jean-
Claude
Bernardet
p. 24

Ter objetivos de vida ou tornar nossos desejos práticos e dar-lhes materialidade não é tarefa simples, mas o processo, quando maleável, irriga o pensamento e equipa o corpo para seguir vivo. Esta trabalhosa capinagem que envolve arar e adubar os áridos campos, condiciona um clima que pode ser favorável (sem descartar os inevitáveis e, algumas vezes, bem vindos, imprevistos, “(...) pois a coisa mais inesperada era, de fato, a coisa mais inesperada.”).

Nietzsche
p.9

A atenção à rigidez e à cristalização de formas e projetos se faz necessária. Se estes “planos” forem sistemáticos e duros, serão criadas distâncias inalcançáveis e o perigo do naufrágio vital volta a assolar. Em certa medida pode ser uma estratégia interessante, uma forma de sobrevivência, de criação do novo. Não se trata de apagar o que está sendo vivido, mas de integrar elementos.

*Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: “lata”
Pode estar querendo dizer o incontível*

*Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: “meta”
Pode estar querendo dizer o inatingível*

*Por isso, não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudonada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha caber
O incabível*

*Deixe a meta do poeta, não discuta
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora*

ATLAS TG

O que é ATLAS???

“A mitologia grega conta que um titã chamado Atlas, junto com o seu irmão Prometeu, quis enfrentar os deuses do Olimpo para retirar-lhes seu poder e dá-lo aos homens. Foi castigado na medida da sua força: enquanto um abutre arrancava o fígado a Prometeu nos confins do Leste, Atlas, no Oeste, (entre a Andaluzia e Marrocos) foi obrigado a sustentar com os seus ombros o peso da abóbada celeste. Conta-se que carregar esta carga fez com que adquirisse um conhecimento intransponível e uma sabedoria desesperante. Foi precursor de astronautas e geógrafos, e inclusivamente alguns dizem que foi o primeiro filósofo. Deu o seu nome a uma montanha (Atlas), a um oceano (o Atlântico) e a uma forma arquitetônica antropomórfica (atlante) que serve como uma coluna de suporte.

(TG:
Também:
atletismo,
atletica,
atleta. Todas
palavras
ligada à
“força”, a
um tipo de
força)

Atlas, finalmente, deu o seu nome a uma forma visual de conhecimento: ao conjunto de mapas geográficos, reunidos num volume, geralmente, num livro de imagens, cujo destino é oferecer aos nossos olhos, de maneira sistemática ou problemática – inclusivamente poética, com risco de ser errática, quando não surrealista – toda uma multiplicidade de coisas reunidas por *afinidades eletivas*, como dizia Goethe.”

Didi-
Huberman

A exposição *ATLAS Como carregar o mundo nas costas?* (ATLAS ¿Cómo llevar el mundo a cuestas?) foi apresentada no Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia (Madrid) de 26 de Novembro de 2010 a 28 de Março 2011 e propôs tornar visível a estrutura de pensamento introduzida por Aby Warburg (1866-1929), historiador de arte alemão.

A premissa de que aprender a olhar não é apenas uma questão pedagógica, mas também uma questão política e ética está presente no conceito da mostra que teve curadoria de Georges Didi-Huberman.

Warburg investigou sobre as diferentes relações estabelecidas entre as imagens e incorporou questões radicalmente novas para a compreensão da arte. Buscou transformar as maneiras que as imagens são compreendidas e deu o nome *Mnemosyne* à sua “grande obra”, para expressar que seus questionamentos se referiam à memória das imagens, inclusive à memória inconsciente (pensada, no mesmo período, por Freud no campo da Psicologia). Na exposição, Didi-Huberman propõe uma releitura de Warburg para buscar maneiras de entender nossa própria contemporaneidade.

O *Atlas Mnemosyne*, formado por 60 folhas, é um “dispositivo aberto” que foi concebido após uma situação em que Warburg ficou recluso no sanatório de Kreuzlingen (1921-1924). No atlas, todos os objetos de sua investigação, estão reunidos em “painéis móveis” que podem ser constantemente montados, desmontados, remontados. *Mnemosyne* é o teste metodológico de Warburg, um atlas de imagens que é referência para historiadores de arte e artistas, uma vez que implica uma “cosmovisão” suscetível de se compor, se descompor e se recompor, através de jogos de associações.

Muda-se a maneira de conceber as relações das obras entre si e de todas juntas frente à história. É um pensamento inesgotável sobre as imagens, suas localizações e destinos, um ensaio visual que desafia pensamentos e ações cristalizadas.

A exposição teve como proposta ser uma viagem através da história das imagens de 1914 até a atualidade, na busca de novas maneiras de compreender o mundo. Foram muitos os participantes e entre as produções expostas estavam presentes trabalhos de Josef Albers, Louis Aragon, Jean Arp, Georges Bataille, Samuel Beckett, Walter Benjamin, Ernst Benckard, Christian Boltanski, Jorge Luis Borges, Bertolt Brecht, André Breton, Lewis Carroll, Alberto Giacometti, Jean-Luc Godard, Francisco de Goya, Paul Klee, Gordon Matta-Clark, Bruce Nauman, Dennis Oppenheim, Giuseppe Penone, Robert Rauschenberg, Gerhard Richter, Robert Smithson, Antoni Tàpies e Aby Warburg.

Didi-Huberman escreveu que, apesar de todas as diferenças de método e conteúdo que podem separar a investigação de um filósofo-historiador e a produção de um artista visual, se surpreendeu com o que há em comum: “(...) ficamos espantados pelo seu comum método heurístico - ou método experimental - quando se baseia numa montagem de imagens heterogêneas. Descobrimos então que Warburg partilha com os artistas do seu tempo uma mesma paixão pela afinidade visual operatória, o que o converte em contemporâneo de artistas plásticos de vanguarda (Kurt Schwitters ou László Moholy-Nagy), de fotógrafos de “estilo documental” (August Sander ou Karl Blossfeldt), de cineastas de vanguarda (Dziga Vertov ou Sergei Eisenstein), de escritores que ensaiavam a montagem literária (Walter Benjamin ou Benjamin Fondane), e inclusivamente dos poetas e artistas surrealistas (Georges Bataille ou Man Ray).”

Didi-
Huberman

ATLAS não teve como proposta mostrar “obras” como resultado dos trabalhos, mas sim expor o processo, os espaços operativos, espaços que estão em funcionamento, não são estáticos, são erráticos. A proposta era reconfigurar a ordem das coisas e descobrir novas analogias, novos trajetos de pensamento.

“Esta é a razão pela qual ATLAS nos mostra o jogo a que se entregam numerosos artistas, essa ‘história natural infinita’ (segundo a expressão de Paul Klee) o esse ‘atlas do impossível’ (segundo a expressão de Michel Foucault com relação à erudição desconcertante de Jorge Luis Borges). Descobre-se, então, o sentido em que os artistas contemporâneos são ‘sábios’ ou precursores de um gênero especial: recolhem pedaços dispersos do mundo como faria uma criança ou um catador de lixo (rag-and-bone man) - Walter Benjamin comparava estas duas figuras com o autêntico intelectual materialista. São congregadas coisas fora das classificações habituais, surgem destas novas afinidades gêneros inéditos de conhecimento, que abrem nossos olhos para aspectos do mundo dantes não percebidos, sobre o inconsciente da nossa visão.”

“Se o atlas aparece como um trabalho incessante de recomposição do mundo, é em primeiro lugar porque o mundo

TG:
Interessante
notar que a
tradução literal
das palavras
é “trapo e
osso”, mas o
termo pode
ser traduzido
para trapeiro
ou catador de
trapos, o que
não deixa de
ser alguém que
se interessa
por “raspas e
restos”.

Didi-
Huberman

sofre constantemente decomposições, uma detrás da outra. Bertolt Brecht falou da ‘deslocação do mundo’ que ela é ‘o verdadeiro assunto da arte’ (basta pensar em ‘Guernica’ para poder entendê-lo)”

Didi-
Huberman

O atlas é um dispositivo que reconfigura a ordem do tempo e do espaço, é um “um recurso para observar a história, para poder manejar a arqueologia e a crítica política, ‘desmontando-a’ para imaginar modelos alternativos.”

Didi-
Huberman

Apresento a seguir o ATLAS TG que contém imagens de 1997 até os dias atuais. São imagens de minha autoria, fotografias de diversas paisagens e de objetos e roupas que produzi. Em seguida há outro ATLAS, com imagens de trabalhos de alguns artistas que admiro (Leonilson, Kiki Smith, Louise Bourgeois, Annette Messager e Francis Upritchard) e que foram agrupadas de acordo com associações que fiz. Se vistas de forma isolada, o observador pode não correlacionar uma imagem à outra, mas se as imagens forem vistas lado a lado, ou sobrepostas umas às outras, podem ser feitas inúmeras correlações e conexões. Ao lado de uma imagem de 1998 pode estar outra de 2000, o que possibilita o encontro de tempos distintos. Tempos e espaços distintos passam a se encontrar e coexistir. Juntos formam novos tempos e novos espaços.

Nesses encontros, o espaço e o tempo (assim como as relações tempo-espaço/espazo-tempo) são constantemente redistribuídos, desorientados, reorientados. A partir destes encontros e de novas relações entre as imagens, palavras e pensamentos, tudo se move, se desloca e o que pensávamos que era contínuo ou linear já não é. Onde supúnhamos que haviam muros e fronteiras, já não se avistam barreiras, nem limites. Tudo se move sem cessar, como sangue correndo nas veias e artérias pelo sistema circulatório, irrigando os órgãos e as vísceras, irrigando os pensamentos, movendo o corpo .

O Atlas é uma forma de ver o mundo e de percorrê-lo, é uma ferramenta visual, uma forma de conhecimento e de percepção, é uma “fábrica de idéias”, um “museu de grandes novidades”. Coisas vistas como heterogêneas, quando

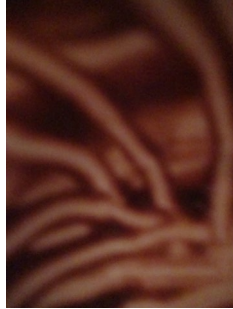
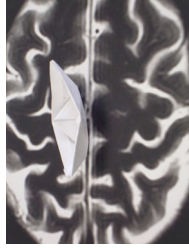
associadas umas às outras, tornam-se outras coisas. É uma forma de ser híbrido, de produzir hibridismo, de fazer o “mischmasch”, a miscelânea de idéias que faz brotar novas idéias, novos estados, que inventa novos pontos de vista, que inventa novas vistas, novas paisagens.

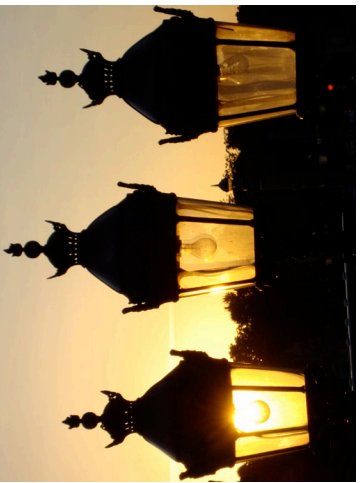
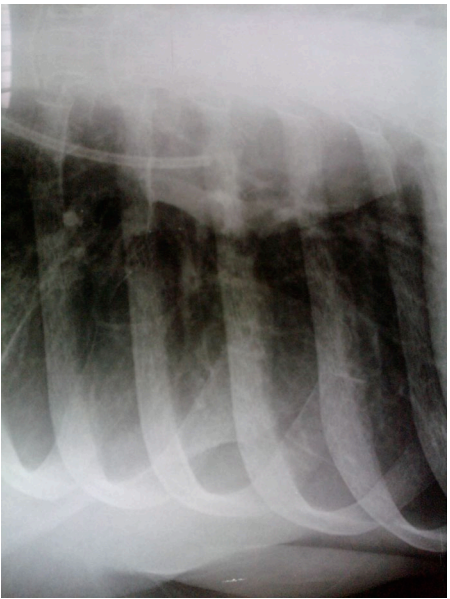
ATLAS

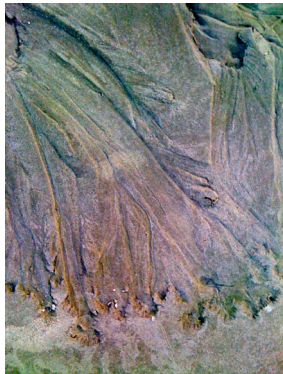
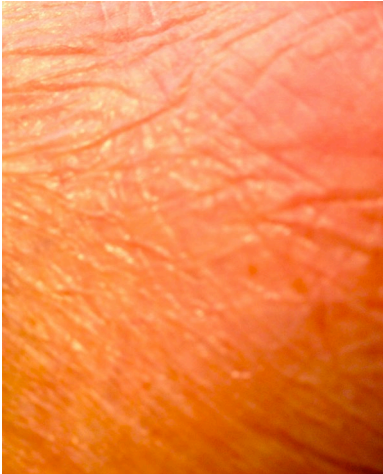
TG

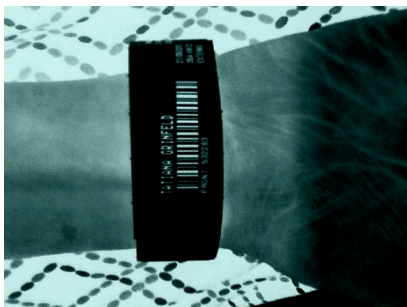
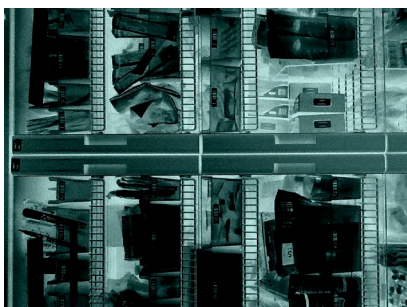
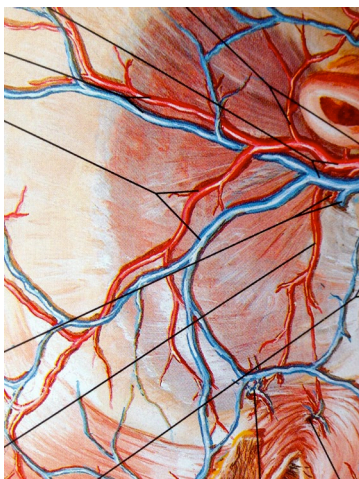
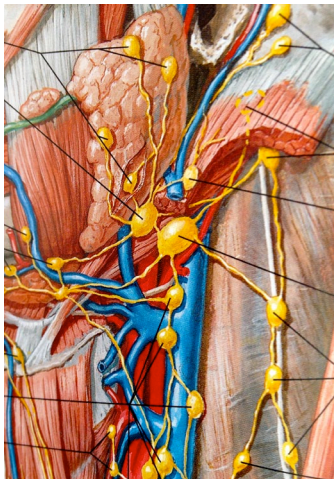
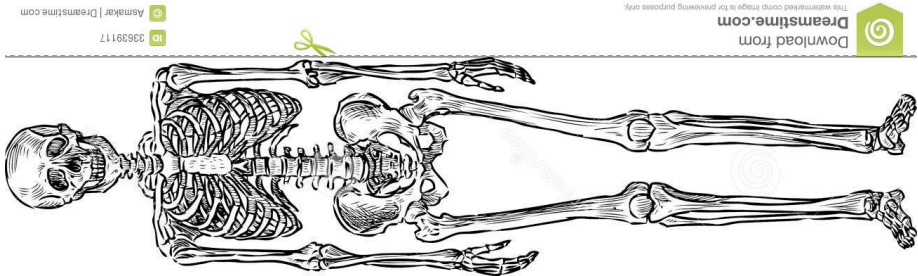
DO CÔCCIX ATÉ O PESCOÇO

DO PESCOÇO ATÉ O CÔCCIX









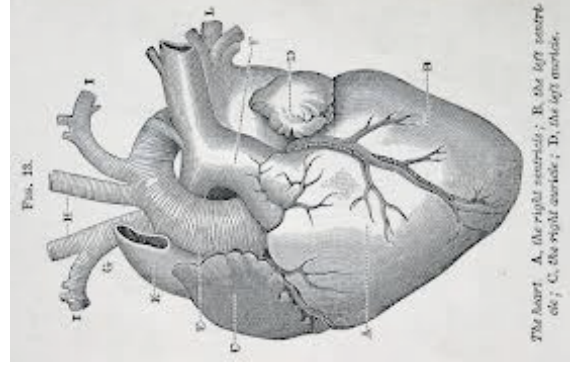
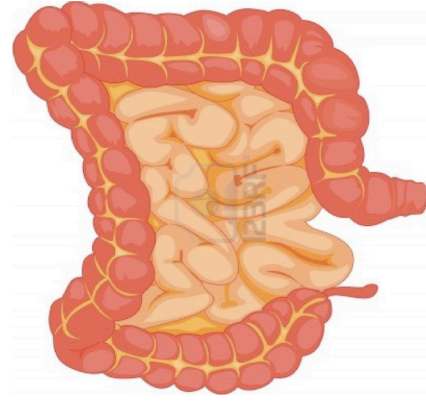
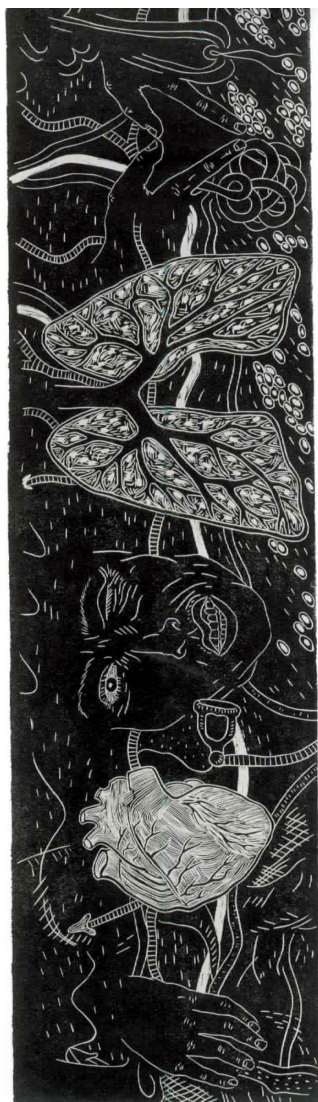


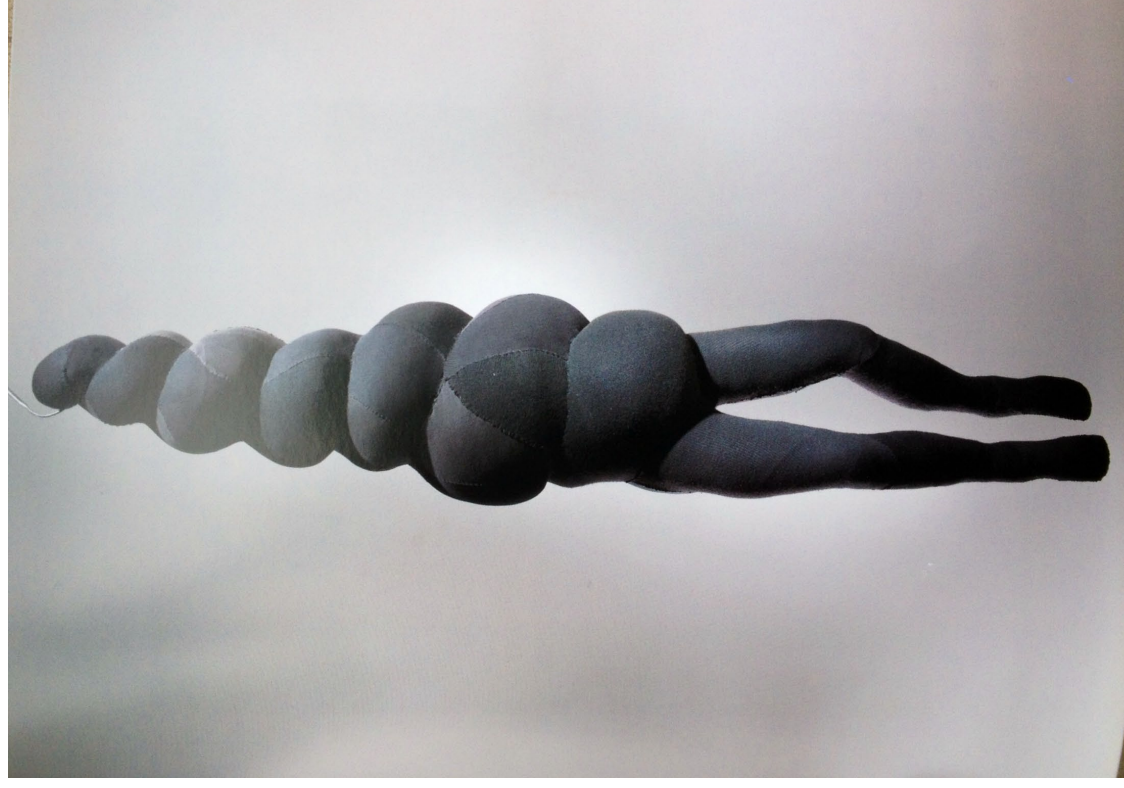
FIG. 13.

The heart. A, the right ventricle; B, the left ventricle; C, the right auricle; D, the left auricle.

**ATLAS COM IMAGENS DE TRABALHOS DE: LEONILSON, KIKI SMITH,
LOUISE BOURGEOIS, ANNETTE MESSAGER E FRANCIS UPRITCHARD**

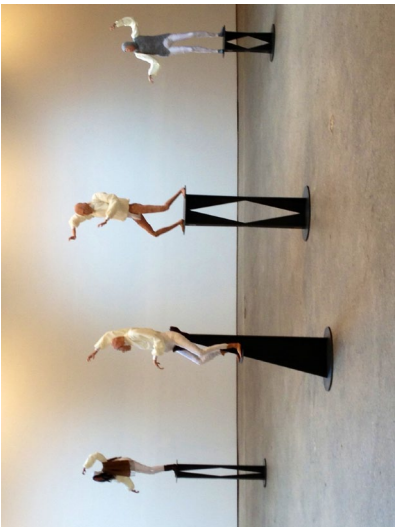
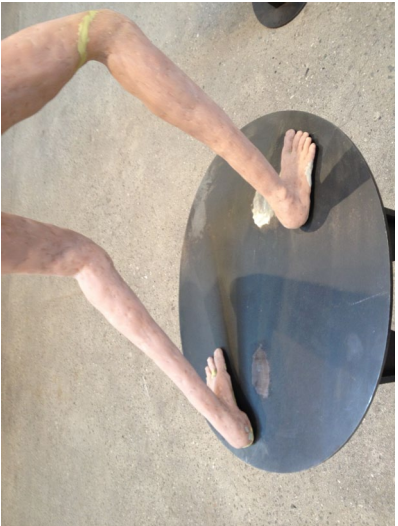
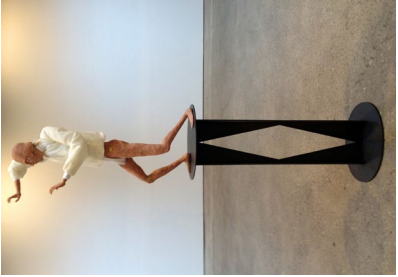


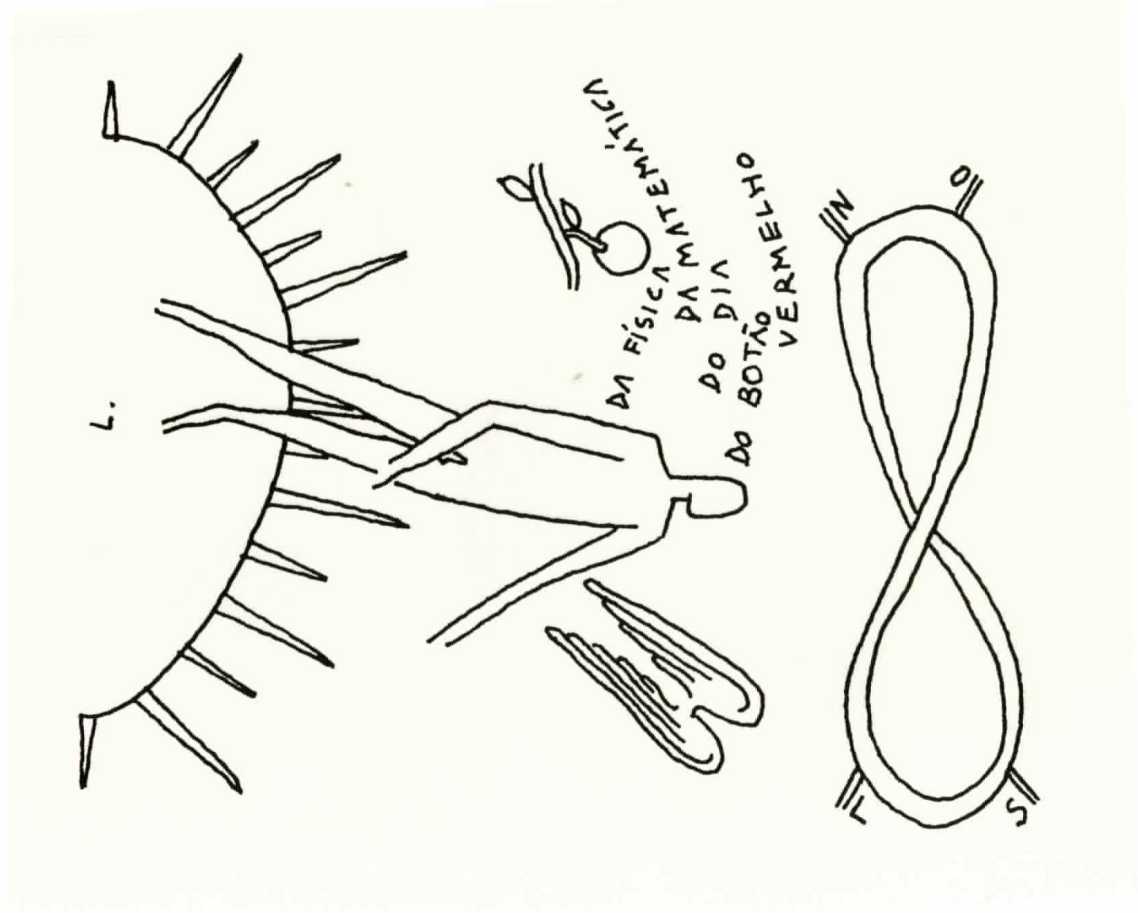
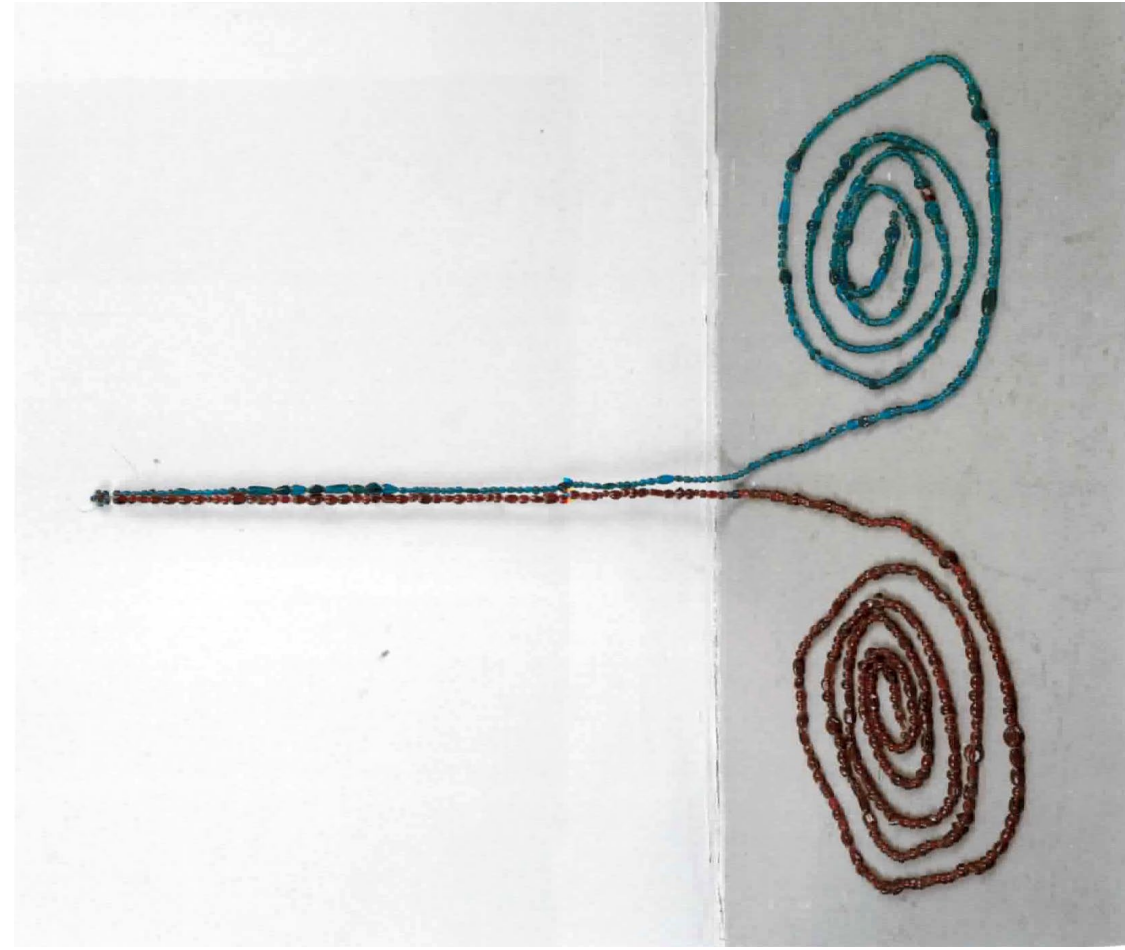


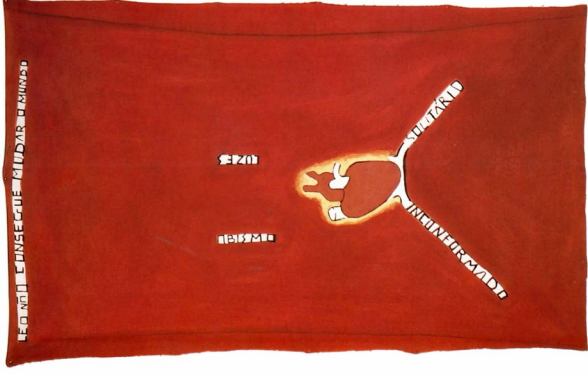
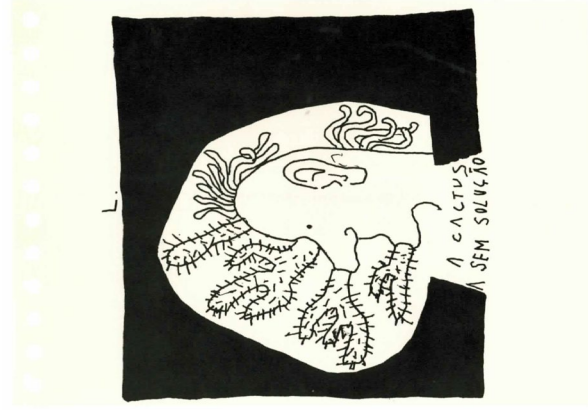
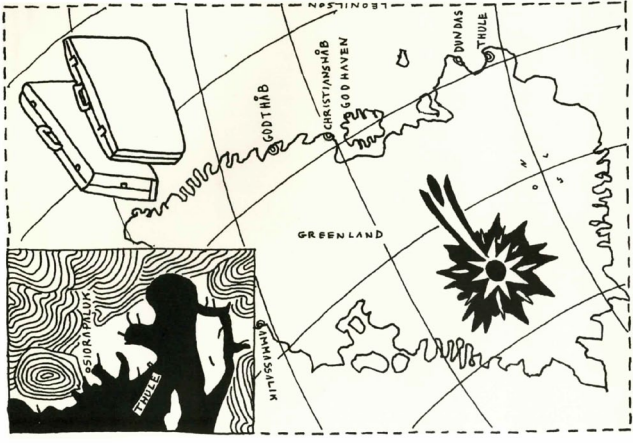
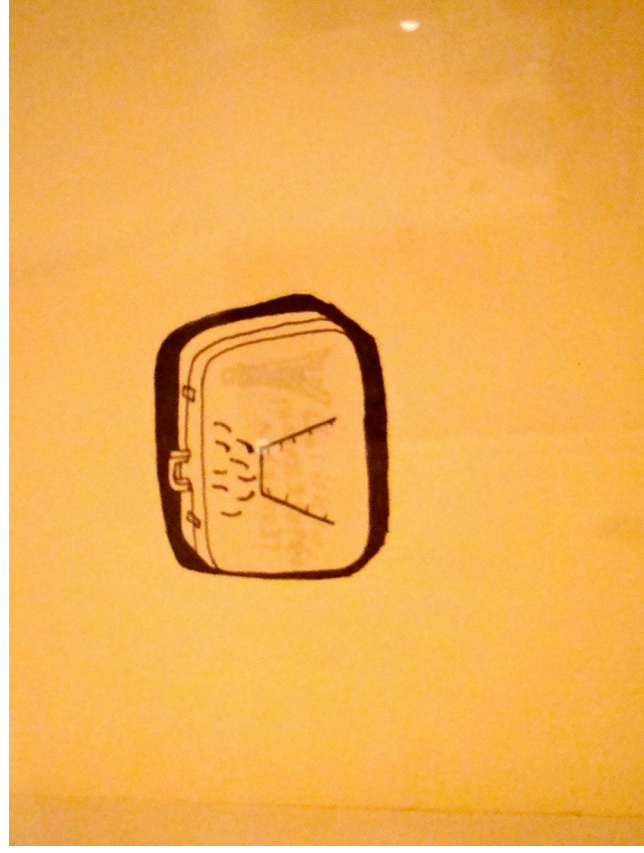
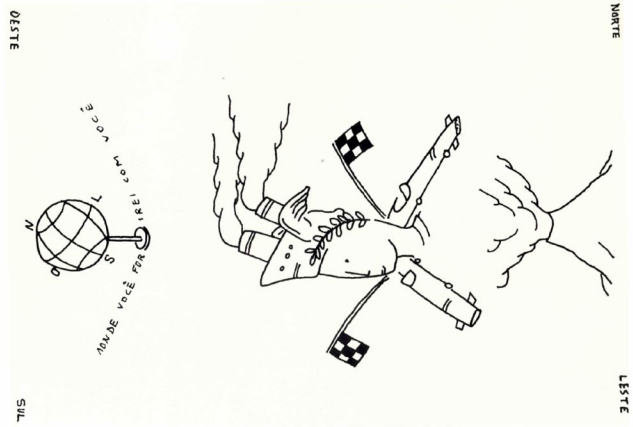


“... retroceder é fazer uma espiral. E a ação demonstra que mesmo que o tempo seja ilimitado, há um limite do quanto você pode colocar sobre ele. Você deve tomar cuidado enquanto estiver apertando a espiral. Se apertar demais corre o risco de quebrá-la. É o mesmo com a costura. “

Bourgeois/
Herkenhoff







ARTE BÚSSOLA

O corpo que está em estado de exaustão, ao convocar a arte e a criação, tem a potência de vibrar e de usar a experiência do colapso como plataforma ou catapulta para se lançar a um outro espaço e tempo.

Movimentações contrastantes, funcionamentos distintos. Extrapolar o que pode ser racionalmente compreendido e comprovado é a intenção.

Nesse outro espaço e tempo, a arte acontece. A dança é outra, conexões esquecidas e desconhecidas são ativadas, nutrem o movimento de criação, deixam a razão se liqueficiar. Apesar do corpo frágil, o fluxo é intenso e tem uma força delicada, fina. Engolimos pelos ouvidos, pelo nariz. Engolimos pelos sete buracos da nossa cabeça. Engolir é resistir?

E ainda assim permanecemos magros, fiapos humanos a se arrastar. O que engolimos? Há de haver cuidado para não pesar e afundar. A maré leva restos e deixa cracas. E leva e traz e deixa ficar. Não existe chão seguro. Há sempre uma instabilidade que perpetua.

É com a arte que o corpo pode e deve se tornar vulnerável. “ ‘Os artistas são como os filósofos, têm frequentemente uma saúde frágil, não por causa de suas doenças ou de suas neuroses, mas porque viram na vida algo grande demais para qualquer um, grande demais para eles, e que pôs neles a marca discreta da morte.’ Tal afirmação de Gilles Deleuze e Félix Guattari tem o mérito de fornecer um diagnóstico de época. _____
(...)

Que um dos maiores artistas plásticos vivos, Anselm Kiefer, tenha construído um impressionante conjunto de obras a partir de materiais em ruínas, lembranças gastas, imagens de grandiosidade envelhecidas pelo tempo, eis algo que

parece validar a afirmação de Deleuze e Guattari. Sua obra lembra como há algo que passou arruinando as formas que tínhamos, algo que deixou nossas figuras ‘pequenas demais’, imprimindo nelas a marca discreta da morte. Tais artistas nos mostram que nossa época não desconhece o verdadeiro movimento.”

Vladimir
Safatle

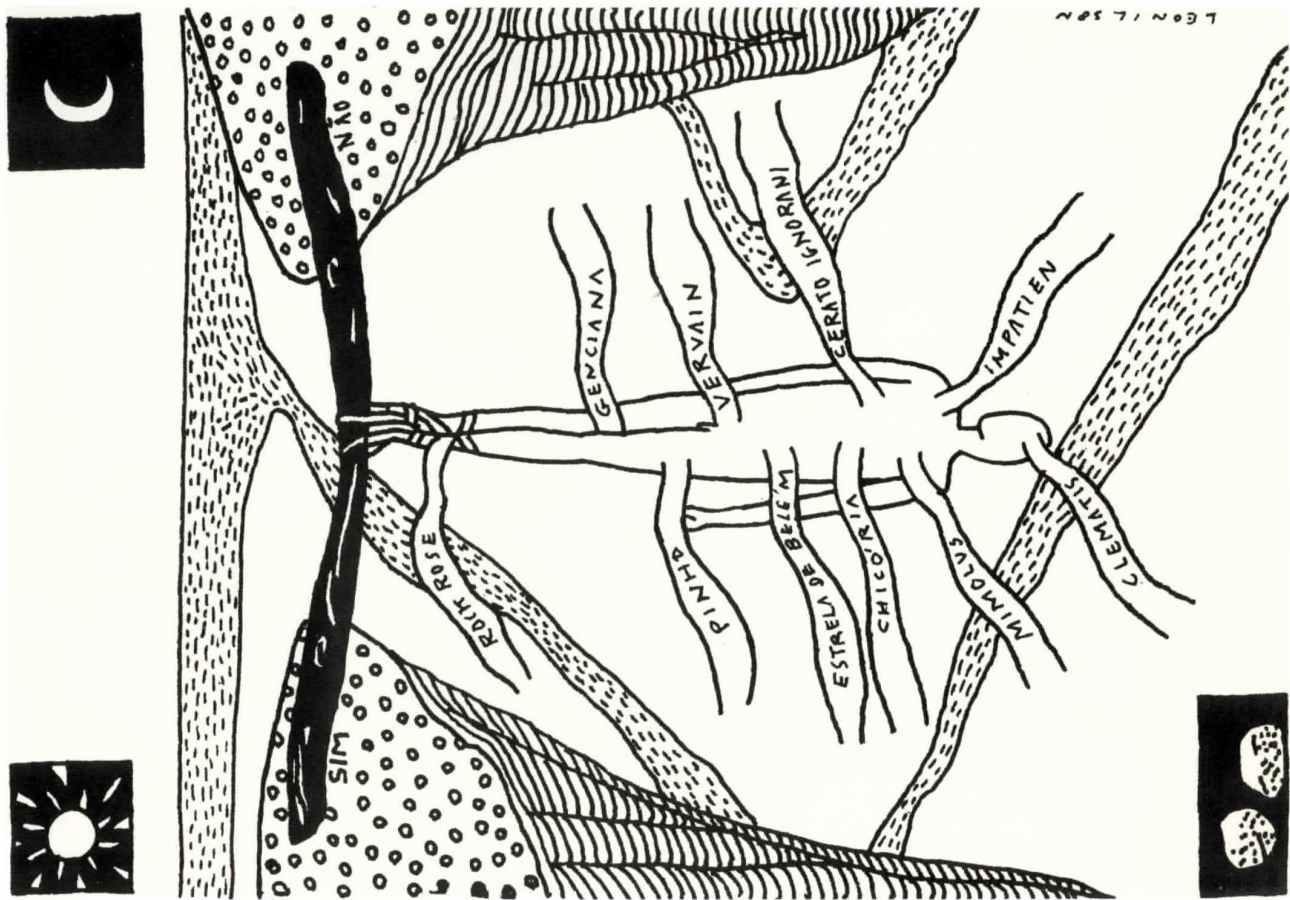
Leonilson também aproveitou “raspas e restos”. O artista recolhia do mundo a sua volta, de suas experiências, de um fluxo constante de informações que estão em movimento no sistema circulatório tanto da cultura como de sua memória pessoal, os materiais que agrupa em seus trabalhos. Mais do que interesse, as “raspas e restos” constituem seu trabalho, sua vida.

Ao mesmo tempo que acolhe todos esses dados, busca cartografar, listar, organizar esses fluxos de informações nas pinturas, em desenhos que parecem mapas geográficos e também atlas de anatomia e nas palavras escritas ou bordadas. Estão nessas cartografias do corpo todas as informações e sentimentos que o artista pretendia registrar, compondo linhas que parecem ter a intenção de situar e indicar direções para tantos fluxos que surgem. É um movimento contínuo de nomeação em que o discurso autobiográfico se organiza e se reorganiza a todo momento e à todo o vapor.

No trabalho *Todos os rios levam à sua boca*, veias e artérias se ramificam em rios e seus afluentes, ou vice versa. “Sempre gostei de ficar vendo mapas quando eu lia sobre o Oriente, para procurar os lugares. Raízes de árvores parecem caminhos de mapas ou um desenho de anatomia. Eu relaciono as três coisas.”

Lagnado
p. 108





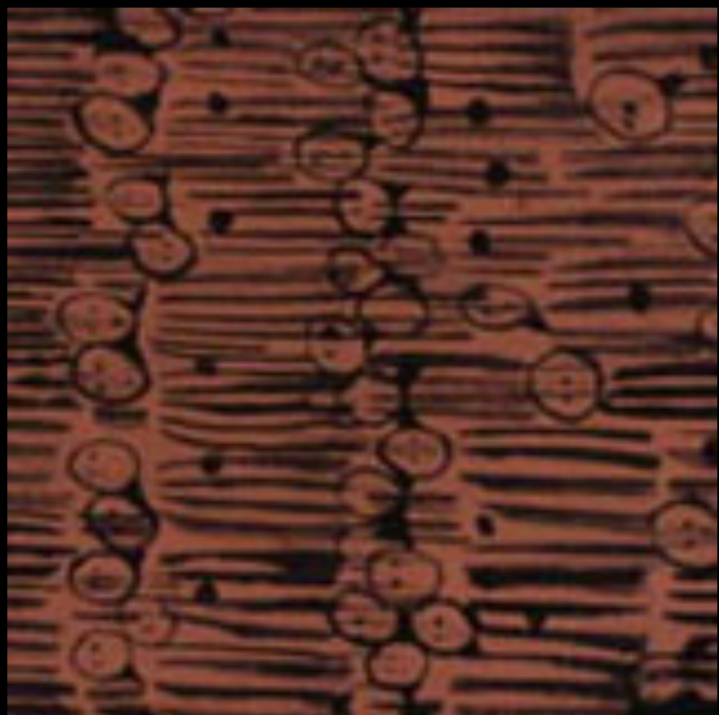
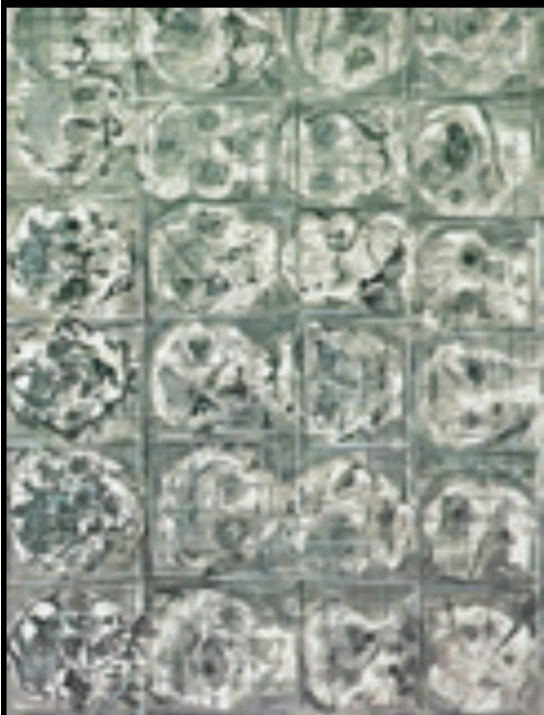
Outro artista que se interessou e utilizou em seus projetos as “raspas e restos” da vida, foi Jozef Szajna (1922 – 2008), dramaturgo polonês, cenógrafo e diretor de teatro que muitas vezes, através de suas produções, evocou a obtusidade da humanidade, o sufocamento e a opressão. Quando jovem, foi preso por nazistas durante a Segunda Guerra Mundial e ficou no “corredor da morte” de um campo de concentração. A cela em que ficou media 90cm x 90cm e era escura, não dava possibilidade de diferenciar os dias e as noites: “como se o tempo tivesse parado”. “Era um quarto sem portas, janelas, ar ou esperança.”

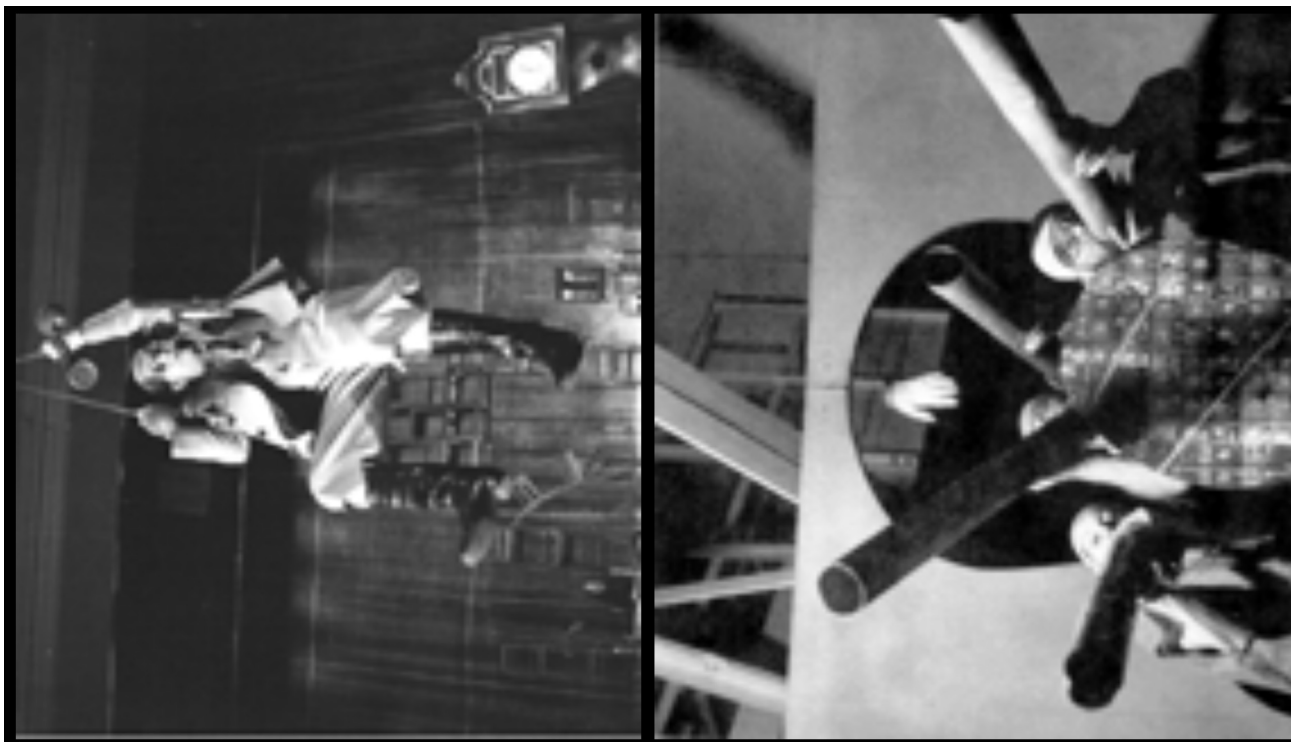
Jozef
Szajna

Szajna escreveu que quase desistiu da vida, que queria morrer, mas uma anistia decorrente de uma mudança no comando encarregado o sentenciou para voltar ao campo de trabalho. Estava novamente na linha, na fila da vida, com a morte dentro dele e tendo que lidar com isso. Anos mais tarde escreveu e encenou a peça “Cervantes”: “Estou fora da corda – a morte dentro de mim e eu tenho que dormir com ela.”

Jozef
Szajna

Suas produções eram encenadas em um “quase-silêncio”, usando poucas palavras e gestos. Contornou a censura da Polônia e expôs o que pensava sobre totalitarismo. Construiu cenários, pinturas e colagens nos quais incorporou “restos”, como tiras de couro usado, pedaços de borracha, trapos de tecido, partes de corpo de bonecos, listas de sobreviventes de campos de concentração e arame farpado. Dizia que a arte é uma demonstração daquilo que precisa de libertação dentro de nós, pensava a arte como uma auto-defesa contra a entrega, contra o render-se ao indefeso, desamparado. Podemos pensar a arte como uma resistência?





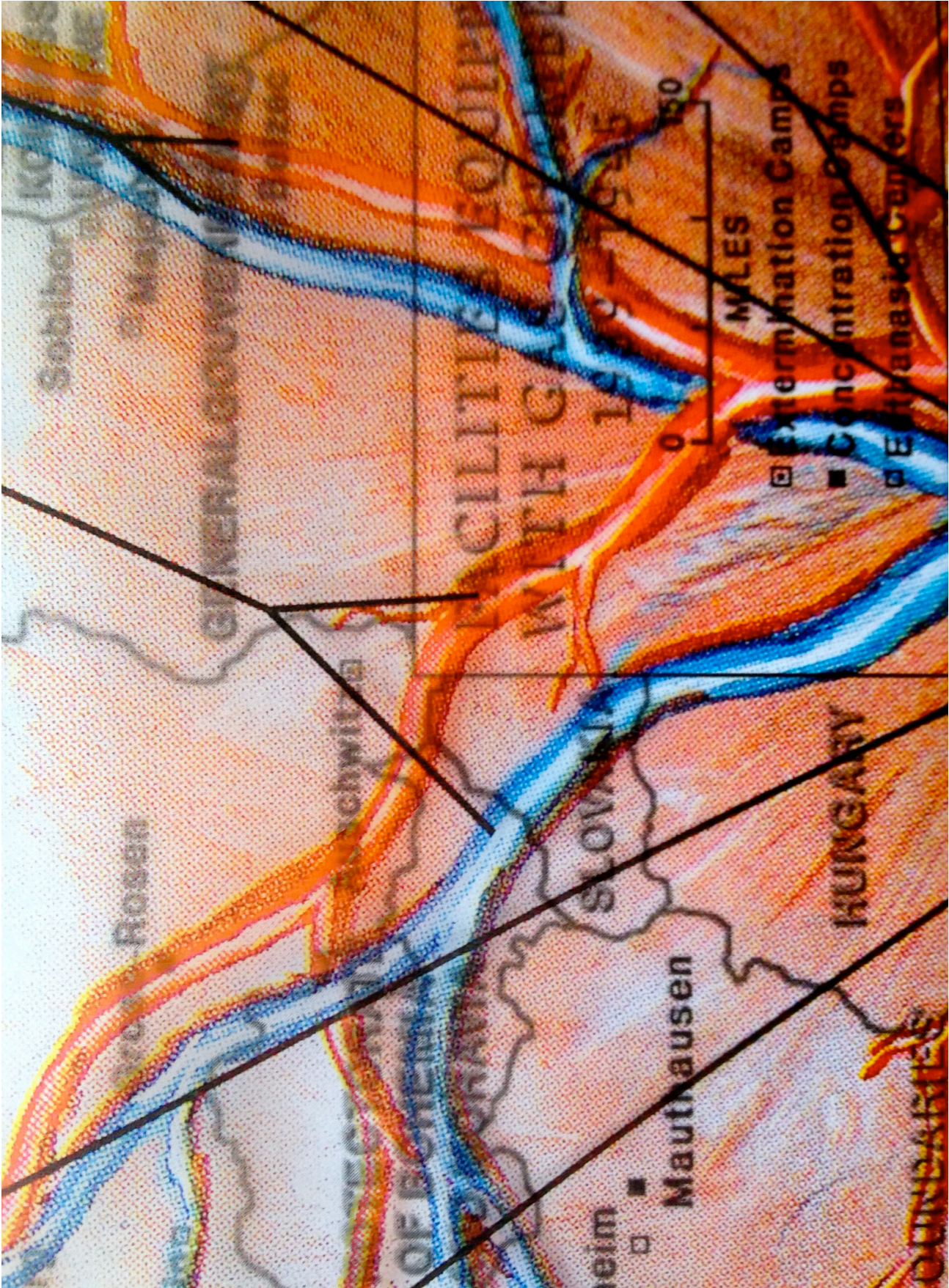


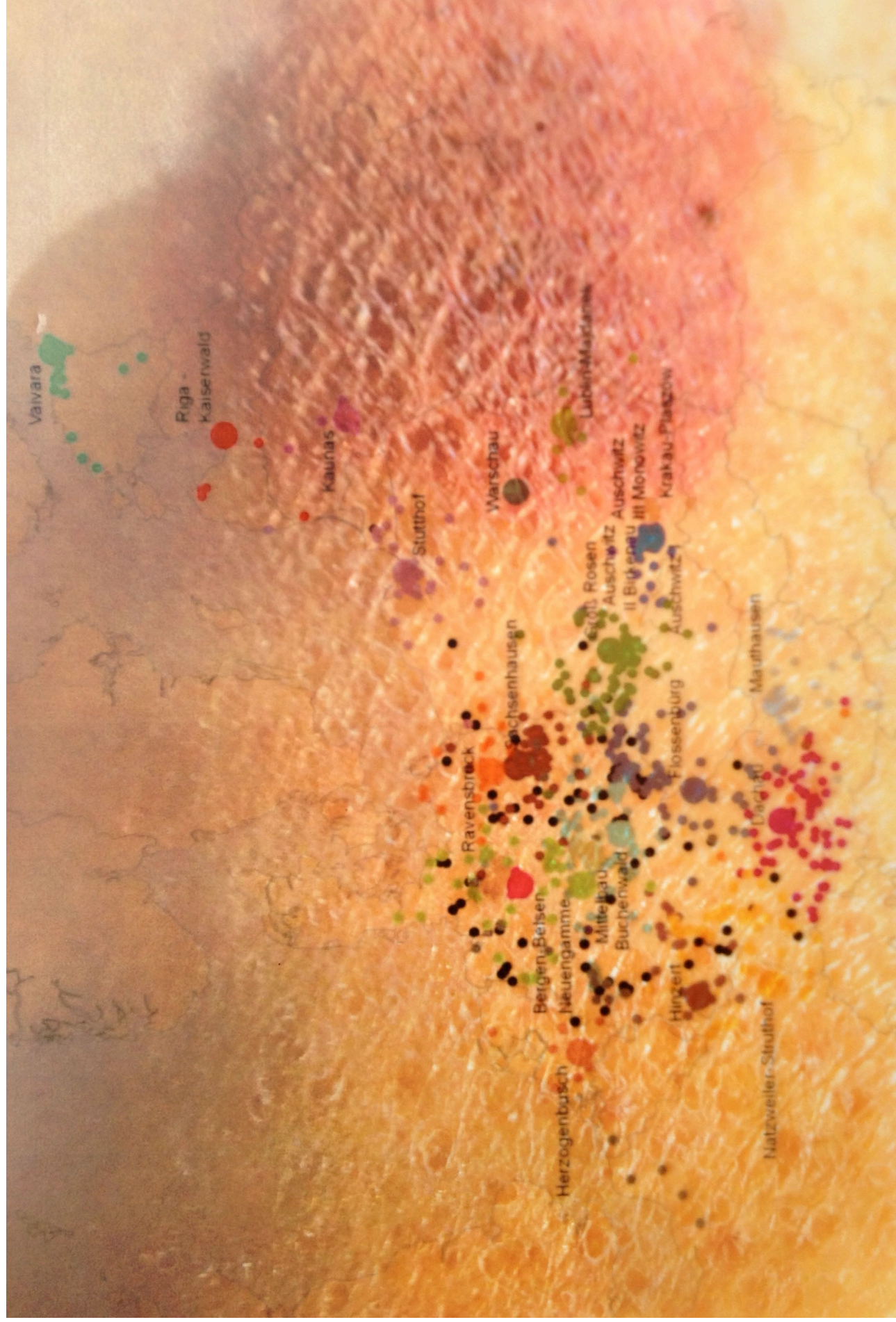
Talvez seja interessante pensar a arte como um “solvente”, um “pó mágico”, que transforma, que nos faz resistir e nos soltar, nos dissolve “como um cubo de açúcar em um copo de água” (a água é outra e outros somos nós), nos desintegra e nos faz caminhar, caminhar por dentro e por fora, na nossa integridade. Integridade? Integridade em pedaços, às vezes despedaçada, outras vezes inteira. Integridade outra. Por hora sóbria, adiante louca.

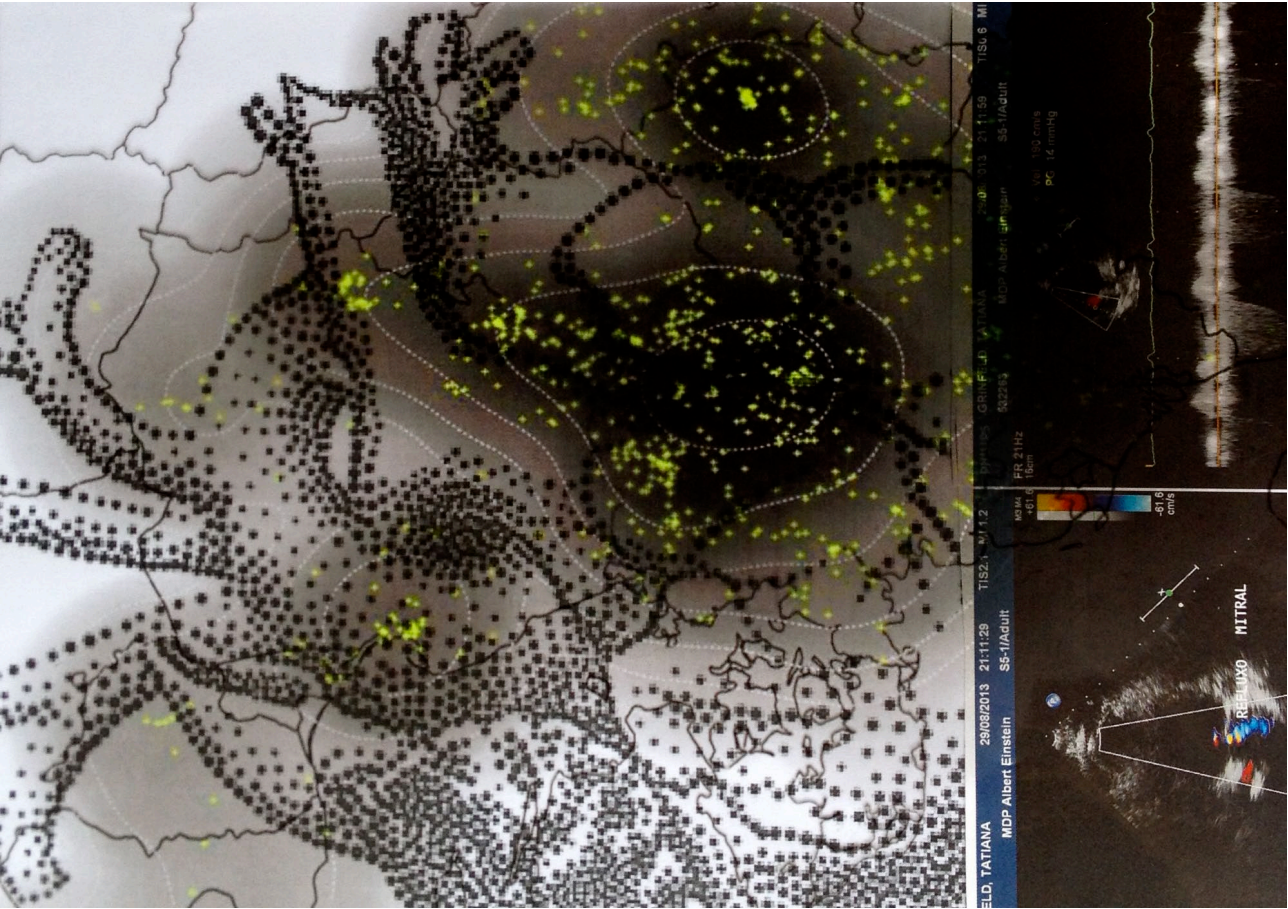
Pode ser que “mágico” não seja a melhor palavra, já que “arte” não vem da magia, não vem do “nada”. Vem do “tudo e mais um pouco”, vem do furacão atropelante da vida, vem do que vem. Vem do percurso e vai com o percurso. A arte desenha o percurso, junto. Cartografa os pontos de parada e é aliada da caminhada, localiza o doce no amargo e também o amargo no doce. Em seu trepidar poroso absorve e cospe idéias, inventa repertórios e atualiza experiências. Enterra e faz emergir das trevas. Sim, talvez seja uma “certa arte”, aquela que conecta, aquela que está viva cheia de vida, mesmo na morte. Aquela que afeta, que promove o inspirar e expirar. Aquela que passa pelo corpo e faz suspirar, que inspira. Que não expira e vale para todos os tempos, todos os lugares.

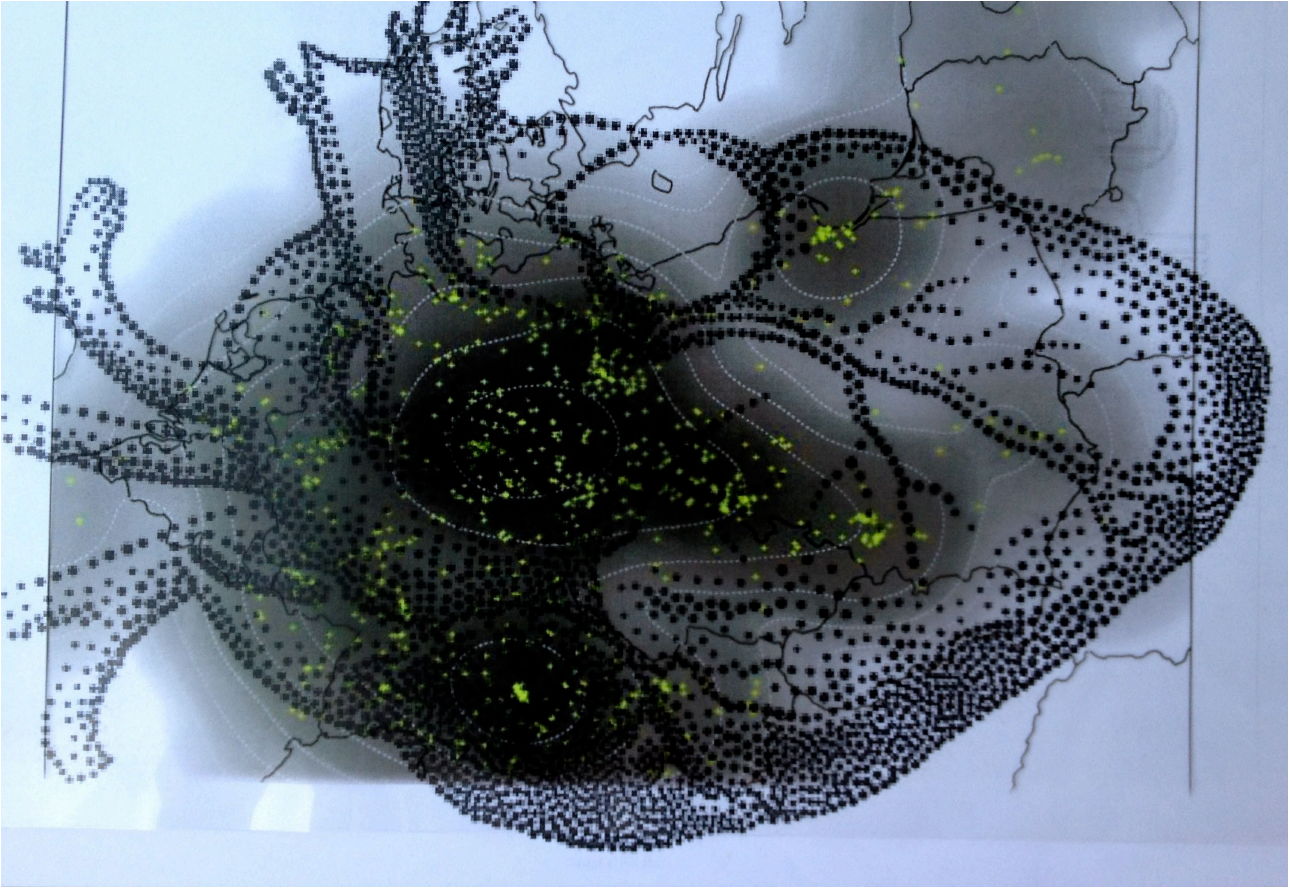




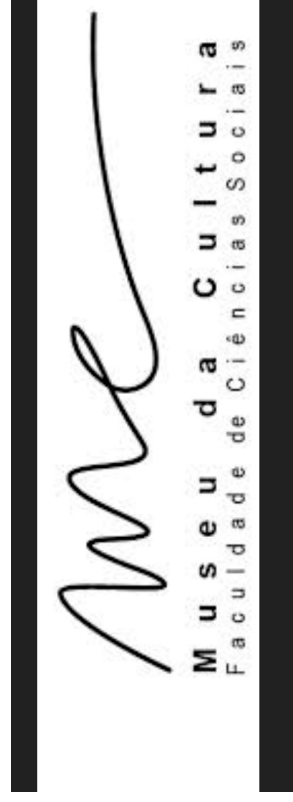


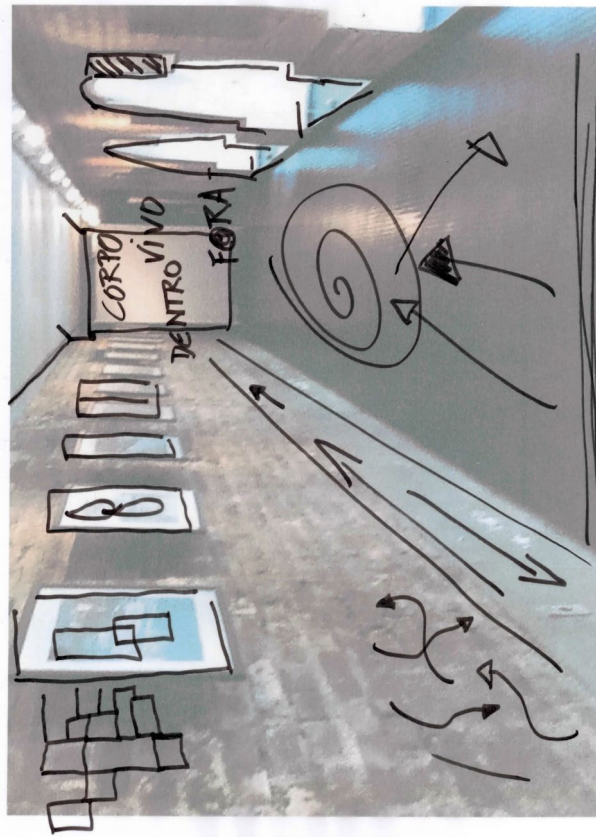
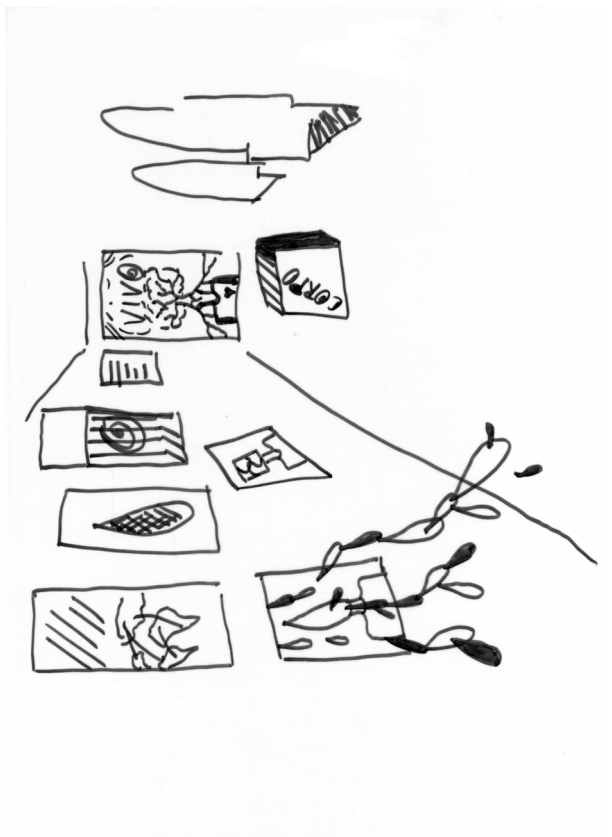






Em Maio de 2014 acontecerá, no Museu da Cultura PUC-SP, uma exposição com alguns dos trabalhos que apareceram nesta dissertação. Também serão apresentados projetos inéditos de Tatiana Grinfeld.





BIBLIOGRAFIA

Livros:

- BERNARDET, Jean-Claude
A doença, uma experiência / Jean-Claude Bernardet. – São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DELEUZE, Gilles, 1925-1995
Crítica e clínica / Gilles Deleuze; tradução de Peter Pál Pelbart. – São Paulo: Ed.34, 1997.
- HITCHENS, Christopher, 1949-2011.
Últimas palavras / Christopher Hitchens ; tradução Alexandre Martins ; prefácio de Graydon Carter ; pós-fácio de Carol Blue. – São Paulo : Globo, 2012.
- JAFFE, Noemi
O que os cegos estão sonhando?: com o Diário de Lili Jaffe (1944-1945) e texto final de Leda Cartum / Noemi Jaffe. – São Paulo: Editora 34, 2012 (1ª Edição).
- LAGNADO, Lisette
Leonilson: são tantas as verdades = so many are the truths / Lisette Lagnado. São Paulo: Projeto Leonilson : SESI, 1995.
- LAPOUJADE, David
O corpo que não agüenta mais / David Lapoujade. In: Nietzsche e Deleuze : o que pode o corpo / organizadores Daniel LINS e Sylvio GADELHA. – Rio de Janeiro : Relume Dumará : Fortaleza, CE : Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

- LEONILSON, José (1957-1993)
Leonilson: use, é lindo, eu garanto
Textos/Texts: Barbara Gancia e/and Ivo Mesquita
Versão para o inglês/translation: John Norman
2. ed. rev. ampl. São Paulo: Cosac Naify, 2006
- LISPECOR, Clarice, 1925-1977
Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres / Clarice Lispector. – Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- NETTER, Frank H.
Atlas da anatomia humana / Frank H. Netter; trad. Jacques Vissoky e Eduardo Cotecchia Ribeiro – 2.ed. –
Porto Alegre: Artmed Editora Ltda, 2000.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm, 1844-1900.
A gaia ciência; tradução: Márcio Pugliesi, Edson Bini (e) Norberto de Paula Lima. São Paulo, Hemus, 1976.
- PELBART, Peter Pál
Vida capital: ensaios de biopolítica / Peter Pál Pelbart. – São Pulo: Iluminuras, 2003.
- LEVI, Primo
É isto um homem? Primo Levi; tradução de Luigi Del Re. –
Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- LEVI, Primo
Os afogados e os sobreviventes / Primo Levi; tradução Luiz Sérgio Henriques – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- ROLNIK, Suely
Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo / Suely Rolnik. – Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de
Corpos de passagem : ensaios sobre a subjetividade contemporânea / Denise Bernuzzi de Sant'Anna. – São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

Outras publicações:

BOURGEOIS, Louise
Catálogo publicado por ocasião da exposição **Louise Bourgeois: o retorno do desejo proibido** no Instituto Tomie Ohtake (08 de Julho a 28 de Agosto de 2011) e Museu de Arte Moderna – Rio de Janeiro (6 de Setembro a 13 de Novembro de 2011)
Curadoria da exposição e Projeto Editorial do catálogo: Philip Lartrat-Smith / Projeto Gráfico: Louise Bourgeois Studio

BOURGEOIS, Louise
Catálogo publicado por ocasião da exposição **Louise Bourgeois: The Fabric Works** na Fondazione Emilio e Annabianca Vedova, Veneza (5 de Junho a 19 de Setembro de 2010) / Hauser & Wirth, Londres (5 de Outubro a 18 de Dezembro de 2010)
Curador: Germano Celant in collaboration with Jerry Gorovoy; Louise Bourgeois Studio

CANTON, Katia
Catálogo publicado por ocasião da exposição **pele, alma** (skin, soul) (26 de Janeiro a 16 de Março de 2003) no Centro Cultural Banco do Brasil – São Paulo
Curadoria: Katia Canton

CLARK, Lygia
Catálogo publicado por ocasião da exposição **Lygia Clark: da obra ao acontecimento. Somos o molde. A você cabe o sopra**. Organizada pelo Musée des Beaux-Arts de Nantes, França (08 de Outubro a 31 de Dezembro de 2005) e pela Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil, (25 de Janeiro a 26 de Março de 2006) com a colaboração

da Associação Cultural “O Mundo de Lygia Clark”
Curadoria: Suely Rolnik e Corinne Diserens

HOUAISS, Antonio (1915-1999)

Dicionário Houaiss da língua portuguesa / Antonio Houaiss, Mauro de Salles Vilar, Francisco Manoel de Mello Franco
Rio de Janeiro : Objetiva, 2009.

MESSAGER, Annette

Catálogo publicado junto à exposição **Annette Messenger: Les Messagers**
Centre Pompidou (de 06/06 a 19/09 de 2007)

SAFATLE, Vladimir

Grande demais

Coluna do jornal Folha de São Paulo (13/03/2012)

SMITH, Kiki

Catálogo publicado junto à exposição *Kiki Smith: Prints, Books and Things*

Organizada por Wendy Weitman – MOMA QNS, New York (05/12/2003 a 08/03/2004)

Produzido por Department of Publications, The Museum of Modern Art, New York. Reprint: 2009, 2012

Sites e blogs da internet que foram consultados:

CASSUNDÉ, Bitu

Leonilson e a catalogação da vida (texto de Bitu Cassundé publicado no site do Projeto Leonilson www.projetoleonilson.com.br e no Caderno 3 do Jornal Diário do Nordeste em 08/02/2009) (data do acesso: 28/02/2014)

DIDI-HUBERMAN, Georges

<https://vimeo.com/43378599> (data do acesso: 28/02/2014)

GODARD, Jean-Luc

Je vous salue Sarajevo [Ave, Sarajevo] · 1993 · vídeo · DVD, cor, som · 2'15" direção, roteiro, voz, edição Jean-Luc Godard · música Arvo Pärt; mixagem François Musy; produção Périphéria
<http://www.youtube.com> (data do acesso: 28/02/2014)

HERKENHOFF, Paulo

Texto para a 23ª Bienal Internacional de São Paulo
http://entretenimento.uol.com.br/27bienal/anteriores/1996/artistas/louise_bourgeois.jhtm (data do acesso: 28/02/2014)

INCA (Instituto Nacional de Câncer): www1.inca.gov.br (data do acesso: 15/09/2013)

JAFFE, Noemi

CENTRO DA CULTURA JUDAICA: <http://www.culturajudaica.org.br>

Link blog:

<http://www.culturajudaica.org.br/blog/uma-resistencia-absurda/> (data do acesso: 28/02/2014)

MD ANDERSON: www.mdanderson.org (data do acesso: 15/09/2013)

ROLNIK, Suely

A VIDA NA BERLINDA

<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/Berlinda.pdf> (data do acesso: 28/02/2014)

SZAJNA, Josef

www.maldororediciones.eu/vanguardias/szajna.htm (data do acesso: 28/02/2014)

www.nytimes.com/2008/06/30/theater/30szajna.html (data do acesso: 28/02/2014)

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM: (mapas) <http://www.ushmm.org> (data do acesso: 01/03/2014)